

# PREFÁCIO

Duas novas “cidades escondidas” foram recentemente descobertas no Peru. Pode dizer-se, com segurança, que há muitas surpresas aís na grandiosa selva amazônica que ainda não estão totalmente mapeadas e talvez a nossa história não seja tão fictícia como imaginamos.

Agradecemos a todos que nos encorajaram a terminar este livro; agradecemos a Audrey Perry por seus conselhos e a Leonard Brown por sua ajuda na datilografia.

.oOo.

1

## CONVITE À AVENTURA

O vento soprava terrivelmente ao redor da casa, enquanto a chuva caía torrencialmente. Não é comum uma chuva como esta no mês de junho. Estava até esfriando; então fechei as portas e janelas, puxei uma velha e confortável cadeira de balanço para perto da janela e fiquei sonhando. Papai e mamãe tinham saído e eu estava sozinho, o que me agradava, pois sentia necessidade de estar a sós. Eu tentei pensar em outra coisa, mas meus pensamentos voltavam-se para o grande desgosto de duas horas atrás. Esta era a noite que eu aguardava ansiosamente durante meses e seria quase que a mais alegre de minha vida. Carolina e eu tínhamos um compromisso desde o ginásio dois anos antes e esta noite seria a noite de nosso noivado.

Tirei o anel rejeitado de sua caixinha e ele passou a brilhar sob a luz. Vez após vez, as palavras de Carolina voltavam à minha mente: “Desculpe-me, Estêvão. Acho

que o tipo de vida que você propõe levar não se adapta à minha pessoa. Houve época que eu pensei que sim, mas agora... eu... eu tenho medo”. Ele estendeu a mão. “Estêvão, temos idade suficiente para saber como nos sentimos. Creio que não era amor verdadeiro da minha parte. Eu admirava você e sempre admirei”. As lágrimas desciam pelas suas faces e as minhas também estavam molhadas. “Perdoe-me, Estêvão. Adeus”. E ela saiu por entre a multidão no auditório do colégio.

Eu não conseguia acreditar. Esta era a noite que tínhamos planejado – uma das noites mais importantes da nossa vida. Mas agora...

O relâmpago lançava a sua luz branco-azulada pela janela. Depois veio um longo e retumbante trovão que parecia estourar por sobre a casa. Até parecia que pressagiava um evento de grande importância.

Meus olhos se voltaram para a prateleira no canto da sala. Ali, bem protegida por uma armação de vidro e de madeira, estava uma linda taça de cristal. Vendo a taça, ao som do trovão e à luz do relâmpago, invadiram-me à memória os acontecimentos ligados a esta peça tão extraordinária.

Eu tinha contado a poucos dos meus conhecidos acerca da cidadezinha misteriosa que eu tinha descoberto no coração da floresta. As circunstâncias pareciam fantásticas e improváveis até mesmo a mim, que as tinha vivido. Ainda mais, com o desaparecimento de Cruz e de seus seguidores, não havia sobrado muita coisa que realmente provasse a minha história.

Fiquei pensando sobre Cruz, Jaime, Rondon e Bete. Onde estariam eles naquela enorme e inexplorável região da floresta amazônica? De repente, senti saudades e desejei vê-los novamente. Mas eu tinha poucas esperanças de que isto acontecesse, pois a mensagem de adeus que acompanhou a taça dizia que provavelmente nunca mais entrariam em contacto comigo.

Olhei para o relógio. Era quase meia noite. Já aconteceu com você não se lembrar durante muito tempo de uma pessoa e, de repente, ter a sensação que vai encontrá-la logo? Parece um sexto sentido agindo.

A rua da frente de casa estava deserta e pude ouvir claramente um carro que passava vagarosamente. Minha atenção foi aguçada quando o carro fez a curva, voltou e deu uma paradinha. De repente, houve um rápido aceleramento do motor e o carro entrou pelo nosso portão.

Eu estava levantando-me quando ouvi passos apressados e alguém batendo à porta. Abri-a e fui imediatamente envolvido num abraço. Era Rondon! Ele estava todo molhado e me segurou pelos braços para me ver bem de perto.

“Oh, senhor Estêvão. Foi difícil encontrar sua casa. Procurei muito. Estou totalmente ensopado”.

“Mas, Jaime... Como? Quando? O quê?” Gaguejei eu, cheio de alegria, ao vê-lo.

Ele fez um sinal de silêncio. “Espere um minuto, Estêvão. Acho que estava sendo seguido. Ouça”. Juntos olhamos pela porta entreaberta ao ouvir um carro subindo a rua em alta velocidade. Rondon olhou atentamente enquanto o carro passava com os faróis desligados. “É o mesmo”, disse ele, “de qualquer forma escapei”.

Ele se voltou para mim. “Escute bem, Estêvão, meu amigo. Não tenho tempo para esperar. Meu voo sai do aeroporto daqui a duas horas e eu preciso estar nele”. Assentou-se apressadamente no sofá, procurou no bolso do casaco e tirou um envelope comprido. “Aqui está uma mensagem importante de Cruz. Leia-a e aja imediatamente. Eu gostaria de esperá-lo, mas tenho um equipamento que tenho que levá-lo agora mesmo”.

Peguei a mensagem de sua mão. Ainda era difícil acreditar que realmente era ele mesmo que estava ali. “Mas, Jaime, conte-me tudo. Como estão eles? Onde estão?”

“Estêvão, não tenho tempo para perguntas. Teremos uma boa conversa mais tarde lá”.

“O que você está dizendo?”

“Leia a mensagem e você verá. Agora preciso me apressar, antes que voltem por aqui e me peguem. Adeus, Estêvão, até logo”. Pegando minha mão com a dele,

despediu-se e saiu pela porta. Eu fiquei olhando até que ele entrou em seu carro alugado e saiu pelo portão. Havia mil perguntas que queria fazer-lhe, mas estava claro que não teria oportunidade.

Então ouvi outro carro aproximando-se. Pelo som do motor, eu sabia que se tratava dos misteriosos inimigos de Jaime. Os freios cantaram quando o carro virou a esquina, mas eles devem ter visto o carro de Jaime porque aceleraram ainda mais. Fiquei prestando atenção e ouvi o som de motores cada vez mais distantes e, ao mesmo tempo, o que parecia um tiro. Depois, silêncio..., a não ser a chuva, caindo de mansinho.

Entrei tremendo e peguei a carta de Cruz. O abri-la, caíram algumas notas no valor de Cr\$ 5.000.000. Surpreso, peguei as notas e li a mensagem.

Dizia assim:

*“Meu querido Estêvão: espero que esta o encontre bem feliz. Jaime Rondon irá a esta região de São Paulo para buscar um equipamento eletrônico especial e eu aproveito esta oportunidade para entrar em contacto com você. Sentimos saudades de você, Estêvão. Mas, acima de tudo, precisamos de sua ajuda de várias maneiras.*

*“Estêvão, venha imediatamente. Pegue um jato para Manaus, o mais rápido possível. Compre o que for necessário com o dinheiro anexo. Se você precisar de mais, peça-o emprestado e eu lhe pagarei quando você chegar aqui. Não conte a ninguém, a não ser a seu pai, dos seus negócios aqui, pois é necessário que seja inteiramente segredo. Pode, inclusive, haver perigo. Para seus amigos, pode dizer que está vindo ao Amazonas para uma mudança de ambiente”.*

Minha cabeça girava e eu parei de ler por um momento para tentar ajustar meu pensamento a esta nova situação. Depois, continuei afoitamente.

*“Ficarei sabendo quando você chegar a Manaus e vou encontrá-lo na “Rocha” três dias depois. Não me*

*desaponte. Estou confiando em você, meu filho. Com muito amor, Cruz.*

*P.S.: Enquanto estiver em Manaus e também ao subir pelo rio, descubra o que puder sobre ‘A baleia verde do Amazonas’.*

Segurei o bilhete e o dinheiro na minha mão quase sem acreditar no que via. Depois, olhei para a taça com satisfação. Voltaria lá para ver meus amigos e a nova Esperança. Havia aventuras pela frente. Disso eu tinha certeza. É exatamente o tipo de remédio para um rapaz que tinha levado um fora de sua namorada.

Mais tarde, lá pela uma hora da manhã, meu pai, um missionário veterano do Amazonas, chegou junto com minha mãe, provenientes de uma reunião. Eu estava bem acordado e não o deixei ir para a cama enquanto não lhe contei toda a história e recebi sua bênção. Então, fui para a cama, mas dormi mal.

Acordei bem cedinho e olhei para o criado mudo, perto de minha cama. A carta ainda estava lá; portanto, não tinha sido um sono ou um pesadelo. O jornal da manhã não disse nada sobre um tiroteio e, com isso, concluí que Jaime tinha conseguido escapar em segurança. O resto do dia gastei-o preparando-me para a viagem.

Comprei dois pares de botas para usar na selva, roupas adequadas, duas malas e uma máquina fotográfica. Minhas necessidades eram poucas e o dinheiro que o senhor Cruz me mandara era mais do que suficiente. Quatro dias depois, peguei o avião. Papai e mamãe foram despedir-se de mim no aeroporto, às onze e meia da noite. Fiz uma comparação mental daquela cena movimentada do aeroporto com a região amazônica, que é quente, verde, parada. Era um tremendo contraste. Ao ouvir o anúncio de meu vo, beijei minha mão e abracei papai.

“Eu realmente gostaria de ir com você, meu filho”, disse-me ele, “mas, pelo menos, lembre-se de que estaremos orando por sua segurança. Portanto, não se preocupe”. Andei até aquele imenso avião, com um nó na

garganta, acenando para meus pais. Em poucos minutos, deixamos a pista para trás e fiquei observando as luzes daquela enorme cidade cada vez mais distantes, enquanto que o avião ganhava altura. Estava a caminho – mas de quê, era difícil saber.

.oOo.

## 2

### **MAIS ALGUNS PERSONAGENS**

Feixes de raios dourados do sol matutino passavam por entre as nuvens dispersas. Abaixo, ainda em escuridão parcial, estava um imenso tapete verde – os vários tons verdes da maior floresta do mundo – uma selva de proporções estonteantes, da qual grande parte ainda está sendo mapeada. Um tapete sem fim de árvores era interrompido vez por outra por um rio ou um lago – e em algum lugar lá estavam Cruz e a nova Esperança. Eu encostei a minha cabeça na poltrona e, pela primeira vez na viagem, dormi de verdade.

Acordei com a mudança de velocidade do avião e uma ligeira inclinação da parte dianteira. Olhei ansiosamente para ver se enxergava Manaus e não fui desapontado. Lá estava, quase na junção dos dois grandes rios, o Solimões e o Negro, que formam o grande Amazonas. Parecia uma ilha estranha no meio de um oceano verde. Logo aterrizamos e tive a sensação de estar novamente em casa. Taxiamos para o terminal e, ao pararmos, a porta foi aberta, deixando entrar no avião o mormaço e cheiro típico da selva.

Eu não tinha escrito dizendo quando chegaria; portanto, não havia nenhum de meus amigos no aeroporto para me receber. Cheguei a julgar que seria melhor evitar encontros com eles até a minha chegada a Esperança. Fui para o Hotel Amazonas, sempre à procura de alguém que parecesse ser agente de Cruz, mas não

achei ninguém que fosse parecido com um cidadão da Cidade Escondida.

À tardinha, andei os dois quarteirões até o Correio e felizmente não encontrei nenhum de meus amigos. Lá pelas oito horas, jantei calmamente na varanda do hotel que dá para o porto do rio e fiquei observando o tráfego de barcos.

Pequenas canoas do tipo usado no Amazonas passavam por entre as proas dos grandes navios mercantes. Ocasionalmente, um velho barco a vapor, relíquia dos dias de riqueza da época da borracha, saía soltando fumaça branca no céu escuro da noite. Mais abaixo, uma longa fila de canoas estava se formando ao serem amarradas umas às outras, formando uma espécie de corrente flutuante, puxada por um possante barco a diesel, pronto para iniciar a longa batalha contra a correnteza do Solimões.

Era uma cena fascinante, de que nunca me cansara de observar nos muitos anos que passei em Manaus.

Uma batidinha no meu ombro me fez voltar à realidade. “Uma xícara de café para terminar seu jantar, senhor?”, perguntou o garçon. Eu disse que sim e em um minuto ele estava de volta com um cafezinho. A bebida me estimulou a pensar no meu projeto atual, enquanto o garçon se ocupava em tirar a mesa. “Está uma linda noite no rio, não é senhor?”

“Sim”, disse eu. “Escute, diga me que conversa é esta sobre ‘A baleia verde do Amazonas?’”

Ele sacudiu os ombros com desinteresse. “Ah, senhor. Eu já ouvi de alguma coisa, mas é só conversa de mateiros. Estes caboclos estão sempre falando de uma cobra monstruosa ou de um peixe grande”. Ele sacudiu a toalha da mesa e me olhou com cuidado. “Nós temos o peixe espada, a raia, o boto e outros tipos marinhos nesse nosso magnífico rio. Mas baleias... É piada!” Então pegou a gorjeta que eu tinha colocado sobre a mesa. “Mas é estranho que o senhor mencione isto. Ouvi outro turista falando de baleias e foi ontem”.

Nesse momento, vi o gerente aproximando-se com dois homens. Um era brasileiro e eu não o conhecia. O

outro era um homem do qual não me esqueceria facilmente, devido à sua aparência estranha. “Sentem-se nesta mesa, senhores, perto do senhor Correa. Talvez vocês gostem de conversar um com o outro. Senhor Correa, este é o senhor Nunes Raposo, um negociante de São Paulo, e este é o Professor Ondin Sardov, uma grande autoridade em insetos”.

Eu gostaria de ter conversado mais com o garçon, mas deixei passar a oportunidade e fiquei uma meia hora conversando com os meus colegas. Durante esta conversa, tive bastante tempo para observá-los. Raposo causou pouco impacto. Ele era um típico negociante. O outro merecia mais estudo. Ele disse ser um Professor de uma Universidade alemã e que estava na Amazônia à procura de novas espécies de seu inseto predileto, o besouro. Era pequeno, quase careca, de olhos salientes, com sobrancelhas grossas e pretas encimadas por um óculos de aro de tartaruga típico de professor e até parecia ser um parente longínquo de seus pequenos amigos de seis pernas – os besouros.

Finalmente, ele perguntou sobre o meu trabalho. Cuidadosamente, evitei entrar em detalhes e disse como que era filho de missionário. Ambos reagiram como imaginei que fariam. Imediatamente o assunto morreu e eles começaram a consultar seus relógios e dizer que tinham outros compromissos. Várias vezes eu já tinha visto isto acontecer. Se dissesse ser um assaltante de banco seria até aceito em certos grupos. Mas assim que se sabe que sou filho de missionário, alguns prefeririam que eu tivesse alguma doença contagiosa.

“Já passou das nove horas. Acho melhor irmos”, disse Raposo.

Sardov olhou longa e cuidadosamente o rio. “Está bem, vamos. Até logo, Correa”, disse ele, acenando para mim.

Eu queria falar mais com o garçon. Perguntei por ele, mas me disseram que já tinha saído. Resolvi, então, dar um passeio pela Avenida, a principal avenida do centro da cidade. Quando deixei minha chave na portaria o recepcionista me mostrou um documento. “Senhor

Correa, o senhor reconhece este passaporte?”. Eu olhei e meneei a cabeça. “Alguém deixou aqui por engano, pouco antes de eu pegar no serviço. Deve ser algum dos hóspedes”, continuou o empregado.

Era um passaporte búlgaro. Eu o abri e, pela fotografia, vi que era meu velho amigo conhecedor de insetos. “Sim, pertence a um dos hóspedes. Com certeza virá buscá-lo logo. Mas, faça-me um favor. Não diga que você me mostrou este passaporte”.

A Avenida não estava movimentada. Era agradável andar morro acima em direção à velha Casa da Ópera, uma relíquia dos anos dourados de Manaus. Quando cheguei ao prédio, fiquei abismado com sua mudança. Tinha sido pintado e o jardim tinha sido reformado. No entanto, ainda permanecia aquele ar de castelo feudal isolado, assombrado, que no presente momento não tem utilidade nenhuma.

Estava escuro a não ser na entrada dos fundos, onde havia uma pequena luz acesa. Andei até a grade lateral e olhei na calçada baixo. Ouvi vozes e a curiosidade me levou a olhar para ver quem estaria ali naquela hora. Fiquei interessado ao ver Raposo e Sardov conversando animadamente. Eles falavam baixinho e eu não podia entender tudo. “Não me importa. Não dou chance nenhuma. Talvez ele seja um espião”.

“Isto é ridículo, amigo”, disse Raposo.

Sardov disse alguma coisa mais, que eu não pude entender. Eu permaneci na escuridão e tomei um atalho, enquanto eles viraram a esquina, desceram uma rua lateral e novamente me encontrei acima deles. Suas vozes estavam ainda mais baixas, como se soubessem que alguém tentava ouvi-los. Então pude ouvir claramente uma frase: “Então será Sábado?”, disse Raposo.

“Sim”, foi a resposta. “É a única ocasião segura”.

Não pude continuar seguindo-os em segurança e resolvi voltar ao hotel. Na esquina da Sete de Setembro com a Avenida passei por um vendedor de sorvetes que eu não tinha visto antes. Suas feições não me eram estranhas. Hesitei, ele sorriu e me disse: “Boa noite,

senhor Correa. É uma noite agradável para se dar um passeio, não?”

Concordei e continuei meu caminho, torcendo para que ele não fosse alguém que eu havia conhecido nas igrejas. Voltei ao hotel e fui para o meu quarto. Estava cansado, mas não com sono. Minha cabeça estava cheia de ideias e de preocupações a respeito do estranho que acabara de encontrar. Quando, finalmente, consegui dormir, parece que fui perseguido a noite toda em meus sonhos por uma enorme baleia verde.

.oOo.

### 3

## A BALEIA VERDE

Lembrando-me das instruções de Cruz para eu estar na Rocha três dias depois de minha chegada a Manaus, comprei uma passagem num hidroavião Catalina que iria subir o Amazonas e parar numa cidade chamada Tavares. De lá, eu alugaria ou compraria um barco. Comprei um pequeno motor de popa para levar comigo e mais alguns mantimentos.

E então, enquanto esperava, fiz algumas investigações. Sardov e Raposo não apareceram e o garçon com que havia conversado estava de folga. Desci até a margem do rio e fiz algumas perguntas cuidadosas aos pescadores e estivadores, mas parece que ninguém sabia nada a respeito de uma baleia no rio. A ideia era um tanto improvável.

Naquela noite, após o jantar, perguntei ao gerente acerca de Sardov. “O senhor Sardov deixou o hotel há cerca de três horas. Ele disse alguma coisa a respeito de uma viagem pelo rio”, ele respondeu.

O Catalina sairia na manhã seguinte. Resolvi dar mais uma voltinha pelas margens do rio antes de me deitar mais cedo. Saí do conforto do hotel proporcionado

pelo ar condicionado, para a noite quente e úmida. Não havia nem um ventinho e a atmosfera estava carregada. Entrei numa rua quase que escura e andei em direção às margens do rio, passando por velhas mansões em ruínas, apenas fantasmas dos dias em que Manaus controlava a produção mundial de borracha e milionários existiam em cada esquina.

Algumas velhas famílias ainda mantinham estes velhos palácios cobertos de lodo e musgo, mas a revolução industrial estava atacando-os e alguns já tinham sido demolidos para dar lugar a grandes fábricas.

Desci a um velho e barulhento atracadouro que eu tinha usado com papai em algumas de nossas viagens pelo rio com nosso barco de alumínio. Uma luz brilhando num barquinho lá no final me atraiu e resolvi investigar. Estava escuro no atracadouro e eu parecia ser a única pessoa ali, exceto os homens que carregavam o barco. Parei em silêncio acima dele e olhei para baixo.

Fiquei admirado ao ver Sardov, o especialista em insetos, e Raposo com outros dois que eu não conhecia, colocando no barco equipamento que não tinha relação nenhuma com insetos. O barco era um cruzador de lazer bem veloz e eles estavam carregando equipamento de transmissão e recepção de rádio.

Eu ia me afastar para ficar fora de vista deles, mas parece que o sexto sentido de Sardov estava funcionando. Ele olhou através das luzes até o escuro onde eu estava e exclamou: “Correa, o que você está fazendo aí?”

Resolvi aproveitar a situação e desci as escadas até onde eles estavam. “Nada, nada, senhor Sardov. Simplesmente saí para tomar ar antes de ir dormir no hotel”.

“E você passou aqui pelo nosso barco por acaso?” Apesar das sombras, percebi zanga em seu rosto.

“Sim, claro, foi isto mesmo”, disse eu. “Há algum problema?” A sua atitude me irritou um pouco.

Parece que Sardov perdeu o controle de si mesmo. Antes de eu ter ocasião de reagir, ele me deu uma bofetada que me deixou as marcas de seus dedos no meu

rosto. “Não se intrometa em nossos negócios e esqueça que você viu equipamento de rádio”, ele gritou.

Instintivamente, eu cerrei o punho e me preparei para atacar. Os olhos de Sardov pareciam saltar das órbitas.

Nesse momento me lembrei que eu era um cristão. Abaixei meu braço e olhei bem para o especialista em insetos. Eu sabia que poderia esmagá-lo como se esmaga um saquinho de papel, mas não era esta a maneira correta de eu agir. “Sr. Sardov, não sei o que há com o senhor, mas, por favor, não faça isto novamente”, foi o que eu lhe disse e, voltando, subi as escadas.

Voltando apressadamente ao hotel, fui pensando no que havia descoberto acerca de Sardov e de Raposo. De qualquer forma, sabia que poderia contar tudo a Cruz. Embora eu não tivesse provas de nada, tudo aquilo era bem estranho.

Na manhã seguinte, eu estava no aeroporto às 6 horas. Estava ansioso para encontrar-me com Cruz. Andei para cá e pra lá, enquanto preparavam o hidroavião.

Após 45 longos minutos, anunciaram meu voo e eu subi com mais sete passageiros. O piloto ligou os motores. Finalmente decolamos e saímos por sobre a floresta.

Depois de quatro horas e meia de voo com algumas paradas, chegamos a Água Bela, bem rio acima. O Catalina pousou nas águas sujas, lançando uma onda de “spray” bem acima das janelas do avião.

Tive um rápido encontro com alguns amigos de papai em Água Bela. Foi aqui que eu tinha descido de avião naquele dia memorável em que saí para procurar a cidade perdida. Alguns queriam que eu ficasse e eu tive que explicar-lhes que tinha outros compromissos, mas que eu tentaria voltar. Disse-lhes que eles poderiam esperar uma visita de papai assim que terminassem suas férias.

Pedi a um deles que me arrumasse um barco e logo ele encontrou um que estava à venda, um barquinho ajeitado, com proa e popa achatadas – típico da região.

Com uma pequena adaptação, coloquei nele o motor de popa que eu havia trazido. Carreguei meus objetos e parti. Água Bela era a última cidade até a Rocha, a 80 quilômetros de distância, mas eu tinha bastante gasolina e não queria que Cruz ficasse à minha espera. A lua estava cheia e, portanto, era fácil navegar e eu tinha uma espingarda, caso alguma jiboia quisesse partilhar o barco comigo.

Lá pela meia noite, julguei estar a cerca de 20 quilômetros de meu destino. Resolvi desligar o motor, encher o tanque e descansar um pouco. Quando tudo estava pronto, deitei-me para cochilar alguns minutos.

Alguma coisa me assustou! Acordei procurando minha espingarda e, ao mesmo tempo olhando para o mostrador fosforescente do meu relógio. Eram duas horas da manhã! Não podia imaginar que distância eu tinha percorrido flutuando. Não podia ver nada à distância, pois estava envolvido numa neblina do rio. Mas cada vez mais distinto, ouvia o som arrepiante, como que de pequenas ondas. Não tive tempo de dar partida no motor, por isso peguei no remo e tentei me afastar da direção de que eu achava que o som provinha.

De repente, do meio da neblina, uma forma monstruosa, preta, surgiu, vindo em minha direção. Era uma coisa enorme que parecia querer forçar meu barco. Cheio de pânico, fiz um tremendo esforço com o remo para escapar do nariz do monstro. Parecendo louco, olhei pasmado ao que podia ver do monstro... seu tamanho, seu formato – era a Baleia Verde.

Ele passou por mim formando um caldeirão borbulhante de ondas, que quase virou um barco. Desesperadamente, tirei água do barco em meio ao balanço das grandes ondas, enquanto que o som que tinha acordado ia sumindo rio acima.

Eu tinha visto algo que imaginava impossível. O Amazonas realmente tinha uma baleia!

**.oOo.**

## ENCONTRANDO UM AMIGO

Eu, ainda tremendo quando a neblina começou a levantar-se e a lua mais uma vez iluminou o rio com sua luz misteriosa, prestei atenção, mas não ouvi mais nenhum som da estranha criatura que tinha visto. Então dei a partida ao motor e segui em direção ao meu destino. Estava cada vez mais ansioso para ver Cruz, compartilhar minhas descobertas e ver o que é que ele queria de mim.

Finalmente, cheguei à grande rocha que tinha sido a saída para as viagens de ataque do aerobarco de Cruz, o “Relâmpago Negro”. Com espanto notei que estava igual ao que era antes. Eu imaginava que teria sido dinamitada para se chegar ao túnel escondido, mas aparentemente nada tinha sido feito. Amarrei meu barco perto da praia, peguei a garrafa térmica e me preparei para esperar.

Conhecendo a eficiência de Cruz, sabia que poderia aparecer a qualquer momento. Enquanto esperava, eu observava a vista à minha frente: o mais poderoso rio do mundo, passando pelo meio de uma floresta que nem conseguimos imaginar como ela seja. Quanto tempo levaria para ser conquistada?

De repente, esquecendo-me do que estava ao meu redor, encontrei-me novamente em casa. Instintivamente, minha mente se voltou aos dias alegres quando Carolina e eu estávamos juntos e, depois, à amargura que senti no coração quando ela me rejeitou, devolvendo-me o anel. As lágrimas rolaram pelas minhas faces e caíram na água no fundo do barco. Olhei para as estrelas. Deus sabia o que Ele estava fazendo. Ele dirigia as cenas da peça. Mas era difícil. Fechei os olhos e adormeci profundamente.

O cheiro de café e de peixe frito chegou às minhas narinas. De início, não podia imaginar onde eu estava. Por um momento parecia que ainda estava em casa; depois me lembrei. Sentei, esfreguei meus olhos

sonolentos e automaticamente peguei a espingarda. Ali no barranco perto do meu barco estava Cruz!

Pulei do barco e corri em sua direção. Ele se ergueu, sorrindo, de sobre a fogueira e me deu um forte abraço. “Estêvão”, ele disse rindo, “é tão bom ver você novamente! Oh, quanto eu desejava estar outra vez com você meu filho!”

“Eu também, senhor Cruz”, respondi. “Fiquei ansioso para chegar aqui, assim que recebi sua mensagem”. De repente, me lembrei, “e como é que o senhor chegou aqui sem que eu o visse chegar?”

“Foi muito fácil, Estêvão. Eu simplesmente trouxe meu barco através do túnel e usei um motor auxiliar para levantar a rocha o suficiente para passar”.

Então olhei para a rocha que tampava a saída do túnel. Ela estava levantada o suficiente para eu ver as vigas de aço atrás dela. Há quanto tempo que o senhor está aqui?”, perguntei-lhe.

“Ah, talvez umas duas horas. Não o acordei porque senti que você precisava de descanso. Vamos, Estêvão, vamos comer. Temos uma longa viagem à nossa frente”.

Enquanto tomávamos o delicioso café da manhã, contei a Cruz tudo o que eu tinha visto e ouvido sobre a Baleia Verde.

Ele me olhou com interesse. ‘Isto é fascinante, Estêvão. Você está aqui apenas dois dias e já descobriu mais do que nós sabemos sobre este fenômeno. Eu tenho certeza que Deus está do seu lado. Você deve se lembrar que era teoricamente impossível achar nossa cidade escondida, mas você nos achou”.

Ele acabou de comer, ficou de pé e se espreguiçou. “Bem, Estêvão, é cedo e queremos viajar bastante hoje e seria melhor que ninguém, descendo o rio nos visse aqui. Portanto, vamos”.

“E o meu barco?”, perguntei.

“É fácil. Nós o amarramos do lado de dentro do túnel e aí, se você precisar dele mais tarde, provavelmente estará lá”.

“Senhor Cruz, ninguém nunca vem ao antigo local da cidade?” Várias vezes eu tinha estado pensando a

respeito disso, desde que eu tinha vindo com os oficiais de polícia e descobrimos que Cruz e seus homens tinham desaparecido para o interior.

“É impressionante, Estêvão”, disse Cruz, sorrindo. “Várias vezes Esperança ficou sob observação, mas ficamos surpresos ao ver o pequeno número de pessoas que vem vê-la. Acho que, em parte, é porque tiramos quase todas as construções e a floresta está crescendo por cima dos lugares, tornando um pouco mais desencorajadora a busca da grande civilização que lá existiu”. Ele pegou no equipamento, “mas agora chega, temos que ir”.

Puxamos o barco em torno da rocha e entramos no túnel, levando o barco conosco. Lá dentro estava o lindo bimotor de Cruz. Eu notei que era de linhas simples e seria capaz de atingir uma grande velocidade. Ele estendeu a mão a um pequeno motor a gasolina acoplado às portas e o ligou. Imediatamente funcionou e vagorosamente a rocha começou a descer, a estrutura movendo-se pelas engrenagens.

Cruz acendeu uma luz e tiramos minhas coisas de meu barco, pondo-as no dele. Quando ele viu que tudo estava pronto, apertou um botão, os motores funcionaram e estávamos a caminho, através do túnel que ele tinha usado para as viagens de ataque do Relâmpago Negro. Embora os motores quase não fizessem barulho, o túnel produzia eco; portanto conversamos pouco até que finalmente saímos do túnel para a claridade.

O local da velha cidade trouxe grande emoção. Eu me lembrei das centenas de pessoas ali esperando por Cruz e dando-lhe as boas vindas ao retornar de um ataque no rio. Pedi a Cruz para parar e ele consentiu. Amarramos o barco e subimos o barranco para ver o que tinha acontecido com Esperança.

Não adiantaria ficar lá. A floresta não nos deixava passar. O que um dia tinha sido rua, agora não era nem trilho. As ciclovias asfaltadas que saíam em várias direções estavam sufocadas pelos pequenos arbustos e

trepadeiras. Voltamos ao barco e nos preparamos para a partida.

“Prepare-se, Estêvão. Temos uma longa viagem à nossa frente. São quase dois dias, viajando o mais rápido possível”, disse Cruz. Ele deu partida. “Você está para ver o que provavelmente é o maior rio ainda não descoberto do mundo. Nós disfarçamos a sua entrada aqui perto da cidade para evitar que alguém o usasse para localizar a nova Esperança. Será uma longa viagem, mas tenho certeza que você apreciará as belezas do cenário”.

Então me lembrei de alguma coisa “Senhor Cruz, e aquela Baleia Verde... ou o que ela for? O senhor não vai fazer nada para descobrir o que é?”

Cruz ficou sério. “Eu não me esqueci do que você me contou. Poderemos lidar melhor com este problema quando chegarmos à cidade. Mas agora vamos esquecer de tudo isto e falar de coisas mais agradáveis”. Percebi uma nota de tristeza em sua voz quando assim falava.

Eu queria lhe perguntar a respeito de sua linda filha Bete. Sabia que já estaria casada fazia algum tempo. Em vez disso, perguntei-lhe pela senhora Cruz e por seu filho Carlos.

“Ah, Estêvão, eles estão bem contentes e esperando por você”, Cruz não olhou para mim ao acrescentar: “É claro que Bete também está alegre por vê-lo”.

Agora já forçávamos caminho por um pequeno riacho cheio de sinuosidades. Gastamos cerca de uma hora, navegando lentamente, quando, de repente, saímos num rio largo. Imediatamente Cruz aumentou a velocidade e voamos como um pássaro por cima das águas. O desenrolar das maravilhas destas águas secretas nos inspirara grande admiração. Grande parte era coberta por árvores de copas largas. Macacos, periquitos e outros habitantes da floresta pulavam e esvoaçavam bem perto de nós, mostrando sua relativa ausência de medo do homem.

Grandes cipós e musgo pendiam das árvores gigantescas da floresta, enquanto que orquídeas ostentavam sua elegância e brilho. Navegamos durante horas e, à nossa frente, a imensa floresta amazônica

parecia não ter fim. Às vezes, o rio desembocava numa lagoa, mas Cruz passava por cima dela até encontrar novamente a estrada de água.

À noite, quando paramos para dormir, eu sabia que tínhamos percorrido uma grande distância e que ainda tínhamos muito mais pela frente.

Era tarde quando deitamos. Penduramos duas redes entre as árvores e deixamos uma pequena fogueira acesa para espantar os animais.

Estávamos preparando-nos para dormir, quando Cruz fez sinal de aviso e disse: “Escute”.

À distância ouvimos o som de um jato aproximando-se em linha reta à nossa posição. Cruz apagou o fogo. “Estêvão, isto é estranho. É difícil passarem aviões por esta parte da floresta e este é um avião grande”.

Ficamos atentos para ver as luzes não havia nada e o barulho estava bem acima de nós. Qualquer avião voando de forma legal teria pisca-pisca, mas este mostrava apenas a chama azulada das turbinas.

Cruz pegou uma bússola e checkou a direção do avião. Em seguida, desenrolou um mapa e o estudou à luz da lanterna. “Como eu suspeitava”, disse ele.

“Quem são, senhor Cruz?”

“Estêvão, eles são uma séria ameaça à nova Esperança, ao Brasil e ao mundo. Eles...” De repente, ele parou de falar e apontou para a direção em que o avião tinha ido. “Olhe!” Bem acima da floresta um rojão brilhante subia clareando a escuridão com sua forte luz. Então, como resposta, uma grande luz desceu dos céus.

“É um paraquedas”, sussurrou Cruz.

“Senhor Cruz, diga-me o que é? Quem são?”

Cruz estava tenso. “Não adiantaria nada explicar-lhe hoje, Estêvão. Perdoe-me se estou hesitando em falar sobre isto”. Ele me fez um sinal e deitou na rede. “Boa noite para você, Estêvão, e durma bem”.

Mas durante bastante tempo, ao observar o esplendor tropical das estrelas enquanto esperava o sono, Cruz se remexia agitado.

**.oOo.**

## A NOVA ESPERANÇA

Na manhã seguinte, Cruz tinha voltado ao seu normal. “Estêvão, você me trouxe um otimismo que não posso explicar”. Ele preparou o café da manhã enquanto falava. “Não sei como, mas sei que tudo vai dar certo, mesmo que agora tudo pareça muito complicado”.

Julguei que seria melhor esperar o momento em que ele quisesse explicar os estranhos comentários que tinha feito em relação ao misterioso avião da noite anterior. Eu já havia aprendido anteriormente que Cruz era um homem que pensava antes de falar e sempre esperava o momento exato para tal.

“Fizemos excelente tempo, Estêvão, e estaremos a nova Esperança hoje à tarde. Vamos fazer uma leitura da Bíblia e uma oração antes de partirmos”. Lemos um trecho da Bíblia e então oramos, pedindo a bênção e a direção de Deus para a viagem. Quando terminamos, carregamos o equipamento e os suprimentos.

Cruz desenrolou um mapa. “Esta é a nossa rota, Estêvão”, e ele apontou para uma seta acima de um ponto de interrogação. “Nesse ponto há uma estranha concentração de pessoas, que não podemos entender. Tem algo a ver com o avião que você viu ontem à noite. De qualquer forma, teremos que atravessar um lago perto deles para depois continuar no caminho do rio e então estaremos fora do alcance de todos”.

Navegamos durante uma hora e então Cruz apontou em silêncio para um lago por entre as árvores. “Lá está, Estêvão. Parece estar livre. Vamos arriscar”.

O barco passou por uma cortina de trepadeiras e estávamos à luz do dia. O lago tinha mais ou menos 300 metros de largura. Era um dos milhares que surgem aqui e ali no interior da Amazônia. Eu não estava procurando ninguém, pois não acreditava que alguém pudesse chegar

tão longe. De repente, Cruz sussurrou um aviso. “Olhe lá, do outro lado da margem. Está vendo um barco?”

“Senhor Cruz, quem são eles?”

“Eu não sei, mas teremos que descobrir. Fique atento para qualquer problema”. Ele virou nosso barco em direção ao outro e, ao chegar mais perto, reconheci os ocupantes, pois os dois se voltaram para nós. Fiquei surpreso ao ver Sardov e Raposo.

Eles pareciam até mais surpresos ao me ver. Nosso barco parou perto do deles e Sardov levantou a mão para tampar os olhos do sol. “Você novamente, Correa? Você está nos seguindo?”

“Como você chegou até aqui?”, interrompeu Raposo com ira.

Cruz interrompeu. “Isso não interessa, senhores. Mas deixe-me fazer uma pergunta. Por que vocês estão aqui?”

Sardov nos xingou. “Ah! Ordin Sardov não diz nada a ninguém com relação a seus negócios”. Sua mão foi levada rapidamente ao seu coldre, mas a mão de Cruz foi mais rápida e ele bateu no revólver. Um tiro soou no ar sem causar dano algum e seu revólver caiu na água.

Agora Cruz já estava com o seu próprio revólver. Ele não disse nada, simplesmente segurou-o para que os dois pudessem vê-lo.

Sardov estava fervendo de raiva. “Seu missionário bobo e esse seu amigo gigante! Fiquem sabendo que ninguém impede a Ordin Sardov de fazer algo e escapar impune”.

“Falar não custa nada”, disse eu, alegremente.

“Ponham-se a caminho, amigos”, disse Cruz. “Eu lhes darei cinco minutos para sair ou, então, darei tiros em seu barco e vocês terão que andar”.

Raposo deu partida e dentro de poucos instantes eles eram apenas um ponto no outro lado do lago.

Eu meneei minha cabeça. “Há um mistério aqui, senhor Cruz”.

“Sim, Estêvão. Há mesmo. E eu acho que estou começando a ver o que é. Mas vamos embora. Eles já estão bem longe para ver em que direção nós vamos”.

Cruz se dirigiu para o outro lado e novamente passamos por uma cortina de cipós e trepadeiras. Ninguém descobriria que era a entrada para um rio.

Pelo resto do caminho, o rio estava quase que completamente escondido por uma selva tão impenetrável que nunca vi igual. Mas conseguimos andar a alta velocidade, pois Cruz estava impaciente para chegar à sua casa.

Finalmente, ouvi um som: era um som que trazia de volta muitas lembranças, o som grave de um sino. Eu sabia que seria como era antes: o enorme sino de cristal lá no alto da torre do templo, chamando o povo da nova Esperança para vir encontrar-se com Cruz.

Cruz virou-se e sorriu para mim. “Lembra-se deste som, Estêvão?”

“Sim. E como é bom ouvi-lo novamente”.

Finalmente entramos numa parte estreita e longa do rio. À minha frente podia ver prédios lindos cuidadosamente espalhados por entre as árvores. A floresta tinha um aspecto mais ordenado, com orquídeas aqui e ali. Chegamos, afinal, a uma espécie de doca e, reunidas ali, estavam centenas de pessoas, acenando e gritando. Uma grande bandeira branca trazia os dizeres: “Bem-vindo, apóstolo da verdade”.

Eu olhei para Cruz. “Quem é este apóstolo da verdade?”

“É, você, Estêvão. É este o nome que lhe demos”.

“Eu?”

“Sim, meu filho. Esta recepção é para você. Nós nunca esquecemos o que você fez por nós”.

“Mas eu não mereço nada assim”.

“Nós achamos que sim”, sorriu Cruz. Ele desligou os motores e o barco e foi parar bem no meio do povo que eu amava. Eram antigos leprosos que tinham sido curados e hoje moravam num luxo nunca sonhado. Peguei na mão de quantos me foi possível, fui abraçado e levei tantos tapas nas costas que já estava quase sem fôlego. Uma plataforma com microfone estavam preparados e eu cumprimentei a todos, prometendo falar mais em outra ocasião.

Alguns carregaram nossa bagagem e Cruz e eu andamos na frente. Cruz gesticulava animadamente à esquerda e à direita, mostrando as maravilhas da nova cidade em plena selva.

É quase impossível descrever a beleza daquele lugar! As construções eram clássicas; todas brancas, unindo as arquiteturas grega e moderna. Por todo lado havia árvores enormes com seus troncos cobertos de trepadeiras e flores entrelaçadas. A praça era bem conservada e havia espaços abertos com lindas estradas asfaltadas levando ao interior. Tudo era ordem, limpeza e quietude. Quase que não podia conter-me para ver tudo. Mas agora nos aproximamos de lugar grande, que supunha a residência de Cruz.

Meu desejo era não entrar. Eu tivera algum interesse por Bete, a filha de Cruz, quando estivera na velha cidade escondida. Depois namorei firme com Carolina e, além do mais, Bete nunca tinha confessado a Cristo como seu Senhor. Ela achava que o verdadeiro Cristianismo era obsoleto.

Mas agora a situação era oposta. Eu sabia pelas últimas notícias que tínhamos recebido da família Cruz, que Bete estava noiva e provavelmente já teria casado. Agora eu estava só e ela não estava livre.

A porta se abriu e lá estava a senhora Cruz. Ela me cumprimentou com cordialidade. Atrás dela veio Bete, ostentando uma beleza mais madura, suavizada e aprofundada por experiência espiritual. Meu coração se contorceu.

Ao estender-me a mão em cumprimento, sua aliança estava bem à vista.

**.oOo.**

**6**

**CONHECENDO O MISTÉRIO**

O tempo passa rápido quando se conversa com amigos que há tempo não se veem. Aquela noite passou numa confusão e eu respondia a todas as perguntas que meus anfitriões me faziam. Também ouvi deles as atividades da nova Esperança desde a minha partida.

“Foi difícil não dizer a você que iríamos mudar, Estêvão”, Cruz explicou. “Mas eu não tinha certeza de como as coisas aconteceriam na mudança. Como trabalhamos para pôr tudo em ordem, antes que a polícia chegasse ao antigo local! Nem eu, nem os outros descansamos enquanto não estávamos sãos e salvos a caminho para cá”.

Cruz franziu a testa, ao lembrar-se destas coisas. “Foi fantástico, Estêvão, ver aquela fila de barcos, quase todos silenciosos, descendo um longo rio oculto, que só nós conhecíamos. De início, pensávamos que a polícia nos pudesse alcançar, mas, depois de dois dias, sabíamos que estávamos a salvo. O começo da nova cidade aqui foi difícil, mas agora tudo está correndo bem e não sentimos mais falta do antigo local”.

“E quando poderei ver tudo o que fizeram?”, perguntei.

Cruz deu uma risada alta. “Logo, logo, Estêvão. Começaremos amanhã. Veremos tudo depois de um bom descanso”.

Levantei-me e desejei boa noite à família. Cruz e eu fomos para fora, onde a lua lançava sombras irregulares através das copas das árvores. Cruz tinha uma linda bicicleta à minha disposição e juntos fomos uma pequena distância até uma cabana. Cruz desceu da bicicleta, abriu a porta e acendeu a luz. Era um cômodo confortável, com linda mobília. Eu me senti agradecido e lhe disse isto.

“É o mínimo que podíamos fazer para você, Estêvão”. Ele sorriu. “Amanhã o café estará pronto às 8 horas na minha casa; depois iremos ao escritório para conversar”.

Foi difícil pegar no sono sob aquele silêncio da floresta que circulava Esperança, mas logo o cansaço da longa viagem se apoderou de mim e não vi mais nada.

Lá pelas três horas, mais ou menos, acordei com a sensação de que alguém estava me olhando. Quando meus olhos se acostumaram ao escuro, pensei ver um rosto na janela. As maçãs do rosto altas e o corte do cabelo típico dos índios, foi o que percebi à luz da lua. Eu me virei para ver melhor e o rosto desapareceu. Fui rapidamente à porta e olhei para fora. Estava tudo em absoluto silêncio e nem ouvi som de pés correndo. Sabia que poderia ter sonhado, mas, ao examinar a terra debaixo da janela, eu sabia que não tinha sonhado. O sinal de dois pés grandes era claramente visível.

Voltei para a cama e tentei pensar. Cruz me dissera que havia alguns índios por ali. Eles eram curiosos e talvez esse fosse o caso. Entretanto, uma ideia ficou em minha mente. Eu podia lembrar-me claramente da expressão em suas feições – e não era de curiosidade, mas de pura e simples maldade.

Fiquei vigiando quase uma hora, mas, como não aconteceu nada mais, deixei-me levar pelo sono e só acordei quando o sol já estava bem alto.

Faltavam quinze minutos para as oito horas quando tomei um banho frio que me acordou totalmente. Vesti roupas limpas e saí para ir à casa de Cruz de bicicleta. Resolvi olhar as pegadas debaixo da janela novamente tinham desaparecido. Logo entendi o porquê. Olhando cuidadosamente em redor, vi que alguém tinha passado uma vassoura pela terra solta.

Guardei meu problema até mais tarde e fui encontrar-me com Cruz, dando-lhe um alegre bom dia. Bete e dona Cruz estavam prontas para comer conosco e sentamos à mesa diante de uma refeição deliciosa. Cruz agradeceu a Deus pelo alimento e então tomamos café com leite quente, pão quentinho e compota de frutas. Depois de alguns dias de viagem, esta refeição foi maravilhosa.

Bete sentou-se à minha frente e mais uma vez aquela antiga sensação estranha tomava conta de meu ser. Mas eu sabia que ela pertencia a outro; portanto, minha conversa permaneceu no nível social.

Às nove horas, Cruz e eu fomos ao seu escritório central. “Vamos preparar nossos planos básicos, Estêvão”, disse ele. “Depois você vai ver a cidade e descobrir tudo o que fizemos”.

Um guarda abriu a porta para nós e entrarmos. Novamente aqui se via um trabalho em madeira de primeira qualidade. A grande variedade da floresta amazônica tinha sido usada para fazer esta decoração tão linda. O roxo, o claro, o mesclado e o escuro, todos tinham sido maravilhosamente trabalhados e combinados nas paredes e na mobília.

Sentamos em cadeiras confortáveis ao redor de uma mesa baixa, cheia de papéis e de mapas. Naquele instante soou uma campainha. “Ah”, disse Cruz, “um amigo seu está aqui”.

“Quem é?”, eu perguntei.

Como resposta, a porta se abriu e o tenente Jaime Rondon entrou. “Então, senhor Estêvão, nos encontramos novamente bem longe de São Paulo, não é?”

Depois de cumprimentá-lo eu disse: “Escute, você vai esclarecer-me uma coisa agora mesmo! O que você me diz daquela visita noturna que me fez e daquele carro que o ultrapassou e...”

Cruz levantou a mão em sinal de silêncio. “Espere um pouco, Estêvão. Vamos explicar tudo na ordem certa. Mas agora é preciso aceitar os acontecimentos à medida que surgem”. Ele se levantou e abriu uma janela. Depois continuou: “Estêvão, nós queremos você em primeiro lugar para desfrutarmos de comunhão com você. Nós ouvimos tão pouco do mundo lá fora – a não ser pelo rádio – e nós queremos que você nos ensine mais a respeito da Palavra de Deus”.

“O senhor não poderia pedir-me algo que me agradasse mais”, respondi.

“Ótimo! Falaremos dos detalhes disto mais tarde. Agora, escute só: pouco antes de pedir que você viesse aqui, Jaime e eu tivemos um problema que poderia trazer perigo para nossa pequena cidade. Aqueles dois homens que encontramos na nossa vinda para aqui, aquele avião e outras coisas, apenas confirmam minha suspeita. Nós

descobrimos que um grupo desconhecido montou uma espécie de acampamento a menos de 50 quilômetros daqui. Ainda não sabemos muito a respeito deles, mas estamos descobrindo. Pelo que sabemos, eles não sabem de nossa existência aqui, mas nós precisamos afastá-los para evitar que nos descubram e acabem com o nosso refúgio”.

Cruz me olhou firmemente. “Olhe, Estêvão, você é para mim um tenente, assim como o senhor Jaime. Ninguém, além de nós três, sabe desse perigo que está sobre nós. Não diga nada a ninguém. Vamos ver se podemos eliminar este perigo e poupar a preocupação aos outros”.

“Mas e porque aquela confusão de carros em São Paulo?”, eu perguntei. “Que relação tem isto?”

“Me parece que os homens deste grupo estranho me viram saindo perto de sua área num barco veloz a caminho de Manaus para pegar o avião para São Paulo”, me disse Rondon. “Eu não percebi que eles estavam seguindo-me, até ver em São Paulo o mesmo homem que tinha visto no Amazonas. Possivelmente ele achou que eu tinha descoberto seu acampamento”. Ele riu ao lembrar-se. “Foi uma corrida difícil naquela noite, ao sair de sua casa. Escapei, mas o carro ficou com o furo de uma bala”.

“Você percebe, Estêvão”, continuou Cruz, “que este grupo tem algo a esconder do Governo Brasileiro e também de nós? De qualquer forma, precisamos tirá-los daqui, sem que eles percebam que estamos tão perto. E vamos começar dar uma olhada no acampamento deles, com bastante cautela, assim que pudermos. Quem sabe encontraremos uma nova pista”.

“Precisamos tomar cuidado, senhor Cruz”, disse Jaime com preocupação. “Lembre-se o que aconteceu ao...”

Cruz curvou a cabeça. “Sim, é claro, Jaime. Não devemos arriscar a vida de mais ninguém, mas desta vez precisamos ir”.

De repente, me ocorreu uma pergunta. “Senhor Cruz, ainda não vi o marido de Bete. Onde está ele?”

Cruz não me olhou. “É sobre isto que estamos falando. Certo dia, o noivo de Bete saiu com mais dois para explorar o que agora sabemos ser o acampamento do inimigo. Eles nunca voltaram e também não achamos nada deles, a não ser um barco com buracos de bala. Bete não se casou”.

Então eu entendi. A aliança de Bete estava na sua mão esquerda e ela ainda a usava em memória do rapaz que ela sabia não voltaria mais.

.oOo.

## 7

### O ÍNDIO

Nossa conversa com Cruz e Jaime Rondon foi longa. Resolvemos descansar alguns dias para depois viajar até o estranho acampamento e investigá-lo à distância. Dependendo do que vissemos, Cruz achou que seria mais capaz de decidir o que teríamos que fazer depois.

Enquanto conversávamos, percebi a sombra de uma pessoa do lado de fora da janela. “Quem é, Cruz?”

Ele sorriu. “Não se preocupe, Estêvão. Procuramos ser amigos dos índios e este é um dos mais novos. Ele é estranho. Deve pertencer a uma tribo remota. Você sabe que os índios possuem traços quase que orientais, mas nesta tribo estes traços são mais acentuados”.

“Mas será que ele não vai nos ouvir, conversando?”

“Claro que não, Estêvão. Ele não sabe nada da nossa língua e quase nunca diz nada. Confesso que, às vezes, gostaria que ele fosse mais aberto. Até parece que ele não quer que nós aprendamos seu dialeto”.

Eu me levantei. “Quero dar uma olhada nele pela janela”. Fiquei atrás da cortina e em silêncio olhei o rapaz lá fora. Ele se virou para meu lado. Eu sabia que já o

tinha visto. Fora na noite passada, junto à janela de minha cabana.

Voltei-me e sentei-me perto do senhor Cruz. “Senhor Cruz, aquele é o índio que olhou pela janela hoje de madrugada”. E eu lhe contei o que tinha acontecido.

Cruz franziu a testa. “Bem, Estêvão. Você conhece o caráter dos índios. São muito curiosos. Mas vamos lembrar-nos disto. Aquele índio terá de comportar-se corretamente ou teremos que proibir de vir a nossa colônia”.

Ele relaxou e continuou. “Mas estamos suspeitando à toa. É o jeito dele. Olhe, Estêvão, eu tenho sentido grande alegria em aprender a língua da tribo vizinha e ensinar-lhes a respeito da Palavra de Deus. Temos certeza de que alguns estão quase prontos para aceitar a vida eterna. Eles são um povo pacífico. Em nossas conversas limitadas nós aprendemos que somos os primeiros homens brancos que eles viram. Mas é interessante que eles não têm interesse nenhum em abandonar a vida de nômades. Eles ficam conosco durante algumas semanas e, de repente, a tribo inteira some por uns dois meses”.

Olhei novamente pela janela. “Ele já se foi”, disse eu.

“Tudo bem, Estêvão. Nós vamos observá-lo, embora eu tenha certeza que ele é inofensivo”.

Resolvemos nos encontrar novamente na manhã seguinte para discutir alguns planos mais. Enquanto isso, Cruz e eu iríamos ver algumas novidades da nova Esperança.

A cidade tinha sido bem planejada. Ao andarmos pelas ruas de asfalto, eu percebi que as grandes copas das árvores tinham sido utilizadas para formar uma cortina natural, tornando a cidade invisível ao ar. Como resultado disso, o sol tropical não tinha chance de esquentar demasiado, resultando num clima agradável, embora um pouco úmido. Paramos para ver trabalhadores em pequenas fábricas, produzindo objetos de necessidade básica para a pequena cidade. Esperança procurava ser autossuficiente. A matéria bruta era

trazida de fora, mas era um negócio perigoso e arriscado e evitava-se o máximo possível.

Saímos da cidade para as áreas de agricultura. Ninguém imagina a variedade de alimentos que se pode cultivar no Amazonas. Grupinhos de árvores frutíferas se aglomeravam aqui e ali, em lugares que não estavam cobertos pelas gigantescas árvores da floresta. Abacaxi, coco, mamão e outras frutas cresciam em todo lugar. A cana de açúcar e o milho também produziam bem. A pimenta do reino e a baunilha eram algumas das plantações mais exóticas. Com um planejamento cuidadoso e bastante trabalho, a selva oferecia as suas riquezas a esses habitantes isolados.

Aqui, plantas cresciam de sementes lançadas descuidadamente sobre a terra. Cruz, que apreciava a beleza, tinha plantado flores ao longo das estradas e o resultado era espetacular!

À medida que o sol descia para o horizonte, estávamos novamente voltando à casa de Cruz para o jantar. Eu estava desacostumado a andar de bicicleta e, conseqüentemente, estava cansado e ansioso para chegar lá.

Bete estava à nossa espera ao entrarmos no pátio. Eu percebi que ela tinha visitas – pelo menos alguém estava de pé à sombra das árvores. Olhei novamente para ver quem era e reconheci meu amigo, o índio. Agora pude vê-lo bem alto, moreno, ótimo físico, como é comum entre os índios, com uma pequena tanga de pele de leopardo. No pescoço trazia um colar de dentes de leopardo presos a um barbante vermelho. Na cabeça tinha uma espécie de cocar ornamental, que parecia uma faixa de casca de árvore com penas de papagaio.

“Papai”, Bete estava conversando com Cruz em tom urgente, “eu não gosto de dizer isto, mas este índio me preocupa. Ele fica me seguindo pelo pátio”.

“Não se preocupe, Bete. Ele apenas deve ser curioso, como os outros”. Cruz se voltou para o índio e o chamou: “Ei, você aí. Venha cá!”

O índio pareceu entender e aproximou-se com relutância. Cruz se mostrou amigo e tentou explicar, da

melhor maneira possível, através de sinais, que ele deveria deixar Bete sossegada. O índio sorriu e parecia ter entendido o que Cruz queria dizer. O ambiente se tornou menos tenso e todos relaxaram.

Bete virou-se para mim e me cumprimentou. Eu tinha acabado de pegar sua mão e percebi como era macia e como seus dedos eram lindos quando, de repente, uma mão escura agarrou a minha e a afastou dela. Olhei para o índio com espanto e vi a mesma expressão que tinha visto em seus olhos durante a noite quando olhou pela janela.

“Um-giwartah”, ele gritou.

Eu já ia arrancar a mão dele da minha quando ele a retirou vagorosamente. Notei em seu dedo um anel estranho, com uma estranha marcação. Não sei porque, mas ficou gravado em minha mente até o dia de hoje.

Ele deu um passo para trás e retesou os músculos de tal forma que entendi claramente sua mensagem, ainda que ele não falasse nada: “Eu sou mais forte do que você”.

Cruz ficou bravo; no entanto, ele continuou o mesmo Cruz paciente que eu sempre conhecera e mandou que o índio fosse embora.

O índio virou-se, olhou fixamente para Bete e para mim por um longo instante e, depois, acenando com a mão de uma maneira que parecia indicar que voltaria, ele entrou na floresta.

“Que confusão foi esta?”, eu perguntei.

“Estranho, não? Está claro que gosta de Bete, mas é mais do que isto, Estêvão! Por que ele tomou uma antipatia tão grande para com você em tão pouco tempo?”

Sem que tivéssemos percebido, um dos ajudantes de Cruz, um especialista em trabalhar com os índios, tinha chegado perto de Cruz. “Senhor Cruz, eu queria falar com o senhor a respeito deste rapaz. Os índios estão tão inquietos ultimamente! Este índio tem visitado a tribo várias vezes e, embora ele não seja do mesmo grupo, parece que ele tem uma influência muito grande entre

eles. Francamente, eu não gosto do jeito como eles se têm comportado recentemente”.

Bete concordou com firmeza. “Eu não gosto nem um pouco deste índio”.

**.oOo.**

## **8**

### **A AVENTURA COMEÇA**

Era Domingo de tarde. Eu tinha passado a manhã ensinando a Bíblia para os habitantes de Esperança e agora, depois do almoço, eu estava pondo a minha correspondência em dia. Cruz tinha-me dito que um homem iria a Manaus para fazer compras e ele poderia levar cartas para mim. Eu estava esperando notícias de meus pais e também queria que eles se tranquilizassem a meu respeito.

Escrevi várias cartas. Uma era para um amigo chinês chamado David Kahn, a respeito de uma ideia que eu tinha tido. Disse para todos que esperava voltar das férias dentro de uns dois meses. Mas não ousei contar para ninguém, a não ser para meus pais, onde eu estava – de acordo com a minha promessa a Cruz. Publicidade era a última coisa que ele queria para Esperança.

Terminadas as cartas, fui à procura de Cruz e de Jaime Rondon para planejar as aventuras dia seguinte. Nosso barco com as provisões estava pronto, só faltava resolver o horário da saída e alguns poucos detalhes. Cruz não esperava enfrentar problemas e levaríamos poucas armas, apenas duas espingardas e os machados para abrir caminho na mata.

Nosso plano era apenas fazer uma observação. Não queríamos confronto, se este pudesse ser evitado. Queríamos conhecer nosso inimigo e então Cruz resolveria o que deveríamos fazer. Rondon havia estudado a melhor maneira de nos aproximarmos do acampamento sem sermos vistos.

Parei em frente ao escritório supermoderno de Cruz, desci da bicicleta e bati na porta. Cruz me recebeu e sentamos com Rondon para discutir o plano. Cruz pediu que trouxessem um pouco de suco de mamão e de abacaxi. A bebida gelada era deliciosa! Bebemos devagar e apreciamos esta delícia, certamente pensando que talvez demorasse um pouco antes que bebêssemos algo tão gelado novamente.

Mais tarde, a lembrança de Bete me levou como um ímã à sua casa. Ela saiu para me receber e sentamos juntos no terraço. À nossa frente, um pequeno declive descia até as margens do lago. Os pássaros cantavam e as flores exalavam uma leve fragrância que era trazida pela brisa da tarde. Tudo era perfeito!

“Vou ficar fora por alguns dias, Bete”, disse-lhe.

“Sim, papai me falou”.

“Vou sentir falta de nossas conversas. Foi bom encontrar-me novamente com você”.

“Sim, Estêvão. Concordo”. Ela se controlou e disse: “Papai lhe contou o que aconteceu ao meu noivo? Tem sido difícil me acostumar”.

“Sim, Bete. Fiquei triste ao ouvir a respeito. Eu esperava encontrar você casada”.

Ficamos em silêncio por alguns instantes “Esta Carolina de quem você já falou... Vocês vão casar-se logo?” A voz de Bete não demonstrou nenhuma emoção.

“Ela me deu o fora, Bete. Estou sozinho”. Então contei a ela as circunstâncias e ela se mostrou compreensiva.

“Parece que nós dois temos nossos problemas, não?”

“Bete, preciso dizer-lhe alguma coisa”. Olhei para seus olhos verdes brilhantes, que contrastavam com sua linda pele e seus cabelos negros. Ele estava perto de mim e sua beleza quase me tirou a capacidade de dizer o que estava tentando. “Bete, seria... seria possível que você... pudesse ... me amar?”

Seus olhos faiscavam da mesma maneira como eu tinha visto os de seu pai brilharem no auge de algumas de nossas aventuras no rio. Ela começou a responder e parou. Depois de um longo tempo, ela ficou de pé. “Oh,

Estêvão. Eu... eu... preciso pensar sobre isto. Há tanta coisa envolvida”.

Ela estendeu sua mão, macia e tão delicada. Seus olhos tinham um ar de súplica. “Estêvão, por favor, por favor, tome muito cuidado nesta viagem. Por... por mim”.

Ela se despediu e entrou rapidamente.

Na segunda-feira cedinho, Cruz, Rondon e eu estávamos ao lado do barco pronto para sair. Dona Cruz e Bete estavam lá, com várias outras pessoas para se despedirem. Cruz gostava muito de aventuras e podia-se ver pela sua atitude entusiástica que ele estava fazendo o que gostava.

Depois de orarmos a Deus, pedindo que fôssemos bem sucedidos, pedindo Sua direção e bênção neste empreendimento. Bete me chamou de lado. Fiquei confuso com esta sua atitude e fiquei imaginando o que ela teria para me falar.

“Estêvão, a respeito de ontem à noite... aquilo que você disse sobre eu ser capaz de amar você... Estêvão, eu pensei nisto cuidadosamente e eu sinto dizer-lhe que acho que não daria certo”.

“Mas, Bete, porquê?”

“Tenha uma boa viagem, Estêvão”, disse ela evasivamente. “Quem sabe mais tarde eu poderei explicar-lhe”.

Sinceramente, eu me senti totalmente infeliz. Senti que estava levando o fora uma segunda vez e me senti magoado. Mas Cruz Rondon não me deram tempo para ficar pensando. “Ei, Estêvão, gritou Cruz, “entre no barco, vamos partir para nossa aventura!”

Despedimo-nos e o barco desceu pelo pequeno rio que nos levaria ... a não sei o quê.

**.oOo.**

## A DESCOBERTA

É difícil descrever alguns dos cursos de água escondidos da grande região amazônica. Este era típico. A água tem cor de café com leite, por causa da constante erosão dos barrancos. Árvores enormes se alinham ao longo das margens e, junto com as trepadeiras e arbustos, quase que cobre o rio. Quase não há barulho, a não ser o som causado por um grande peixe pulando na água e os gritos dos papagaios e macacos.

Pássaros de colorido exótico atravessam os ares, criando estranhas nuances de cor, tendo ao fundo os vários tons de verde das folhas. Sons estranhos que não podíamos identificar quebravam o silêncio de vez em quando. Mas, no geral, o barulho maior era do nosso motorzinho.

Veamos rapidamente, pois tínhamos pela frente uns 30 quilômetros antes de entrar na selva a pé. Paramos para tomar uma refeição simples e logo à tarde chegamos ao local onde devíamos andar em direção ao nosso objetivo. Tínhamos desligado o motor e estávamos usando apenas o remo para não chamar a atenção. Tudo era silêncio, a não ser o “chuá, chuá, chuá” dos remos ao baterem na água.

Atracamos à margem do rio tiramos a bagagem, levantamos o barco bem acima da água e o escondemos entre os arbustos. Cruz fez um reconhecimento do lugar para que não tivéssemos dificuldades em encontrá-lo novamente.

Penduramos as redes em árvores, preparamos nosso jantar numa pequena fogueira que lançava tons avermelhados na escuridão ao nosso redor. Antes de deitar Cruz parecia mais preocupado do que normalmente. “Jaime e Estêvão, tenho um leve pressentimento que este problema que vamos enfrentar terá efeitos de longo alcance para nós em Esperança, assim como para o Brasil e para o mundo. Não sei o que

esperar. Mas creio que todos nós aqui estamos pela vontade de Deus”.

Ele se virou para mim. “Estêvão, eu aprendi desde nossas aventuras no Relâmpago Negro pedir a direção de Deus em todos os meus empreendimentos. Portanto, vamos nos ajoelhar agora e pedir que Ele vá adiante de nós e nos guie e nos ajude a fazer algo que é necessário e certo”.

Era maravilhoso ouvir este grande homem orar. Foi uma oração simples, como que de criança, implorando a ajuda do Pai celestial. Mostrava a combinação perfeita de um homem forte, cuja confiança não estava em si mesmo, mas em Deus.

Depois de entregarmos nosso caso nas mãos de Deus, fomos dormir. O som dos pernilongos, zunindo de fora de nossos cortinados, parecia nos embalar ao mundo dos sonhos naquela imensa selva.

Na manhã seguinte, Cruz estava de pé antes de nós e preparando o café, enquanto que os raios do sol se esforçavam para penetrar na neblina e no vapor que subia da floresta. Comemos, lemos uma porção das Escrituras, guardamos nossos objetos e nos pusemos a caminho, abrindo uma picada na mata.

Cruz frisou que devíamos tomar todo cuidado à medida que nos aproximássemos do acampamento. Paramos de usar nossos machados e o suor escorria por nossos corpos em bicas à medida que nos contorcíamos e arrastávamos para passar pelas trepadeiras e arbustos.

De repente, vimos que estava mais claro à nossa frente. Cruz estendeu a mão, pedindo silêncio. Estávamos próximos de uma clareira.

Com muito cuidado tiramos nossas mochilas e, segurando apenas nossas espingardas e machados, nos arrastamos mais adiante. Finalmente Cruz afastou alguns arbustos e, olhando para baixo, vimos um pequeno rio. Em sua margem vimos uma estranha aglomeração de construções como nunca tínhamos visto antes. Até certo ponto se parecia com a ideia de construção de Esperança, pois sendo visível de onde nós estávamos era bem claro que um avião nunca iria saber

de sua existência por causa das gigantescas copas das árvores.

“O que o senhor acha, senhor Cruz?”, lhe perguntei.

“Obviamente, é uma instalação inimiga. Alguma coisa alheia ao Governo Brasileiro, mas de que natureza não posso saber. A não ser, é claro, que aqueles amigos que você encontrou em Manaus possam estabelecer a identidade das pessoas que a ocupam”. Ele tirou um pequeno, mas possante binóculo, e estudou atentamente o local. Mesmo à distância em que nos encontrávamos, podíamos ver algumas pessoas – não muitas.

“Jaime”, ele disse a Rondon. “Dê uma olhada aqui!” Então ele passou o binóculo. Rondon resmungou alguma coisa e, depois de uma cuidadosa observação, passou-me o binóculo. Havia cerca de 20 homens trabalhando numa construção. Era uma espécie de cisterna redonda começando a acrescentar uma parte acima da terra. As outras construções eram simples e funcionais. Seria difícil ver o que estava dentro delas.

Devolvi o binóculo para Cruz.

“Você viu aquela cisterna redonda, Estêvão”, perguntou Cruz.

“Sim. O que é?”

“Não tenho certeza, mas parece ser uma instalação de foguete, do tipo ‘silo’. Você sabe. É guardado escondido debaixo da terra, até estar pronto para o uso e então é lançado num elevador e disparado”.

“Muito estratégico”, disse Rondon.

“Sim, é claro”, respondeu Cruz. “Um míssil de longo alcance poderia a partir daqui ter o elemento de surpresa e ser bastante poderoso nas demandas de uma potência estrangeira”. Cruz olhou novamente através do binóculo. “Estamos muito distantes para ver mais e não seria bom chegar mais perto. Mas, espere!” Ele apontou para uma saliência de um pequeno morro que chegava bem mais perto do grupo de construções. “Seria bastante arriscado chegarmos mais perto, mas eu gostaria de saber mais antes de fazer nossos planos”. Ele virou-se resolutivo. “Vamos tentar”.

Novamente saímos, arrastando-nos tão silenciosamente quanto era possível, caminhando para baixo e para a esquerda, deixando uma boa porção de arbustos entre nós e a clareira. Logo chegamos mais perto e meu coração batia forte pelo esforço e pela excitação. Cruz parou novamente e, com cuidado, afastou a folhagem.

“Ah, está bem melhor. Agora podemos realmente ver”. Ele começou a tirar o binóculo, mas parou.

“Vem vindo alguém”, disse Rondon. “Escute, eles vão passar aqui perto”.

Ficamos em silêncio enquanto ouvíamos os passos e a conversa de alguém passando. Eles estavam diretamente abaixo de nós, no que parecia ser uma espécie de trilha. Logo estavam à nossa vista. Eu fiquei atônito ao reconhecer Raposo e Sardov, o especialista em insetos. Cruz me bateu no ombro e apontou. Felizmente, eles não estavam com pressa e pudemos ouvir claramente sua conversa.

“Está uma manhã fantástica para um passeio, não?”, disse Raposo.

“Sim, realmente”, disse Sardov, “mas ficarei muito contente quando nosso trabalho estiver feito e eu puder voltar para a civilização. Esta solidão está me matando”.

“Mas vale a pena pelo preço, não vale?”, disse seu companheiro, rindo. “Três ou quatro meses vivendo na selva por uma quantia suficiente para você se divertir o resto da vida!”

“Realmente, é assim que penso também. Mas estive pensando a seu respeito. Por que você trai o seu país?”

Raposo o olhou com ar de sarcasmo. “O que meu país fez por mim? Quando preciso de dinheiro, será que o país me dá? Me dá comida? Me dá roupa? Não, meu amigo. Eu não tenho recebido nada de meu país e, portanto, não hesito em passá-lo para trás quando posso”.

Eu olhei para Cruz, cuja expressão era de imensa tristeza ao ouvir uma filosofia tão pervertida como esta.

“Pode ser que seja assim com você. Mas minha razão é diferente. Eu quero ajudar a atrair seus interesses para

cá porque, se algum dia eles vierem em nossa direção, será o fim para o meu país. Não que eu ame desesperadamente o meu país, mas gostaria de viver minha vida em paz”.

“E os nossos vizinhos?”, indagou Raposo.

“Vamos destruí-los. Com cuidado, é claro”.

“Você acha que eles sabem de nossa existência?”

“Talvez. Pode ser que desconfiem. Mas, pelo menos, nós sabemos a respeito deles e vamos cuidar deles logo. E, é claro, teremos que ser muito cuidadosos para que não haja nenhum engano, senão tudo estará perdido”.

A esta altura, Raposo e Sardov estavam fora do alcance de nossa escuta. Mas, de repente, a voz de Raposo se elevou em uma pergunta. “A propósito, o cachorro não foi solto para sua ronda?”

Cruz enrijeceu os músculos e cutucou Rondon.

“Parece que não”, disse Sardov. “Vou gritar e perguntar porquê”. Então ele gritou alguma coisa que eu não pude entender e os dois continuaram andando.

Imediatamente, ouvimos um longo assobio. Fomos até a orla da mata e olhamos. Abaixo de nós, alguém tinha obedecido a ordem e um cachorro Doberman saiu correndo na clareira. Parecia estar vindo em nossa direção.

Cruz virou rapidamente para nós. Rápido, nem um momento a perder. “Se aquele cachorro nos farejar, estamos perdidos”.

Começamos a rastejar novamente na mata, mas logo ouvimos o farfalhar de um corpo, passando pelas folhas. Viramo-nos no momento em que o Doberman apareceu por entre os arbustos. Parou por um instante e então, soltando um latido uivante, nos atacou. Cruz acertou de cheio sua cabeça com o cabo de sua espingarda. O cachorro voltou atrás, mas continuou seus uivos cada vez mais altos.

“Vamos correr”, disse Cruz. “Eles estarão aqui dentro de alguns instantes”.

**.oOo.**

## A PERSEGUIÇÃO

O que se seguiu a este episódio foi pior do que um pesadelo. Deixamos nossas mochilas no mato e nos empenhamos em colocar entre nós e os inimigos, que logo viriam, a maior distância possível.

O cachorro nos seguiu a uma pequena distância, uivando como uma sirene, e pareceu-nos ouvir gritos ao longe.

“Vamos ter que nos livrar do cachorro”, disse Cruz enquanto corríamos. “Vocês dois vão na frente e eu me escondo atrás de um arbusto para ver se consigo fazê-lo parar”.

Obedecemos e corremos em frente, enquanto ele se agachava atrás de uma árvore grande. Ouvimos um latido agudo e nos viramos no momento em que Cruz bateu a coronha da espingarda na cabeça do cachorro. O Doberman caiu inconsciente ao chão e Cruz correu em nossa direção.

Depois de algum tempo, mudamos de tática. Sabíamos que nossos inimigos não nos mostrariam nenhuma clemência. A nossa fuga se tornou um jogo mortal de esconde-esconde. Caminhamos silenciosamente por algum tempo, mas sempre ouvindo ao longe sons que indicavam que ainda estávamos sendo procurados.

“Teremos que ser mais espertos do que eles e o seremos”, disse Cruz.

Seguimos em frente e, de repente, nos encontramos numa saliência acima de um pequeno rio. Era muito alto para se pular e se voltássemos atrás poderíamos perder o terreno ganho. Imediatamente Cruz começou a desenrolar um longo cipó que crescia em torno de uma árvore ali perto. Ele mandou Rondon subir na árvore até

um galho suspenso sobre o rio pegando o cipó, ele enrolou várias vezes no galho e desceu.

“Rápido, Estêvão e Jaime. Vamos testá-lo”. Então, todos nos penduramos no cipó com peso total e ele aguentou bem. “Agora, homens, orem”, disse Cruz, “e vamos em frente”.

Eu sei que cada um de nós orou fervorosamente ao agarrarmos naquele cipó para fazê-lo balançar por sobre o rio. Eu tinha feito isto várias vezes quando era criança, mas nunca com minha vida por um fio como estava agora. Descemos como um avião em mergulho e passamos por cima da água. “Agora!”, disse Cruz e todos largamos do cipó ao mesmo tempo e caímos em alguns arbustos do outro lado. Corremos em frente e conseguimos nos esconder entre as folhagens, no exato momento em que ouvimos nossos inimigos chegando do outro lado do rio.

“Senhor Cruz, por enquanto eles vão parar, mas é só por pouco tempo”, disse Rondon. “Estamos longe de nosso barco?”

“Pelo meu compasso, estamos na direção certa. Chegando lá, não acredito que consigam nos pegar. Vamos depressa”.

Depois de algum tempo, paramos para descansar e também para Cruz verificar nossa direção. Foi justamente aquela parada que nos salvou. Ouvimos sons fracos imediatamente à nossa frente. Pelo jeito, tínhamos sido cercados.

Cruz olhou para nós. “Eles devem ter usado o barco para passar adiante de nós”. Ele prestou atenção. “Vêm vindo”. De repente, ele apontou para uma enorme sapoeira, cujas raízes se espalhavam como leques, saindo do tronco bem acima da superfície da terra. Imediatamente passamos por trás da árvore e nos escondemos na fenda. Pouco depois, ouvimos um grupo passando. Uma grande formiga “tucandeira”, venenosa, subiu em minha mão. Com grande dificuldade me contive para não bater na mão, sabendo que o barulho nos trairia.

O grupo parece que parou perto da árvore por algum tempo e depois seguiu em frente. A formiga gigante resolveu descer da minha mão e todos respiramos mais aliviados.

“Agora vamos ao barco”, disse Cruz, “mas ainda não estamos livres”. Depois de andar uns dez minutos com muito cuidado, chegamos ao local onde tínhamos acampado antes. “Vamos tirar o barco e vamos embora”. Ele suspirou.

Começamos a tirar o barco de seu esconderijo e eu fiquei espantado com o que vi. Alguém tinha feito três buracos nele e arruinado nosso motor. Parecia ser o trabalho de um índio solitário, pois tinha sido feito com instrumento sem ponta; se tivesse sido um grupo de pessoas, teriam levado o barco.

“Acho que podemos tapar os buracos com pano”, disse Cruz, “Vamos tentar”. Com muito cuidado, ajeitamos uns pedaços de pano grosso e conseguimos fechar bem os buracos. Mas, enquanto trabalhávamos, ouvimos o som de remos, chegando perto.

Cruz sorriu exausto. “Este lugar está começando a me fazer lembrar do tráfego em São Paulo. Escondam-se novamente e vamos ver se passam. Evidentemente, eles sabem onde estamos e agora precisamos estar atentos para um possível ataque índio também – se é que foi realmente um índio que estragou nosso barco”.

Vimos o barco chegando perto de nós. Ali estavam Sardov e Raposo, armados de rifles, com alguns índios remando.

“Talvez fossem apenas índios”. A voz de Sardov chegou até nós claramente. “E é claro que, se não os pegarmos, nunca ficaremos sabendo”.

“Isto tudo me faz crer que, quanto mais rápido terminarmos nosso serviço e sairmos daqui, melhor para mim”, disse Raposo.

“Ah, não tem perigo no que se refere a nós, mas os outros vão ter que se arriscar, assim com nós. Bem, parece que não há ninguém por aqui. Peça a eles que voltem e subam por aquele outro rio”.

Quando achamos que já estavam bem distantes, carregamos o barco até a água. Já era bem tarde e sabíamos que, se pudéssemos nos esquivar deles até a noite, nós poderíamos escapar. O pano tampou bem os buracos com um mínimo de vazamento e começamos a remar o mais rápido possível.

Tínhamos navegado talvez uns quatro quilômetros e já estávamos respirando mais aliviados. Nesse instante, nossa tranquilidade foi quebrada por um agudo grito de índio na mata à nossa esquerda. Não podíamos ver nada, mas o grito continuava em intervalos como se fosse um sinal.

“Não estou gostando disso”, disse Cruz, remando com mais força. “Pode ser que seja o índio que estragou nosso barco ou poderia ser alguém do grupo de Sardov”. Deixamos o acampamento bem para trás e então Jaime Rondon nos pediu para parar.

“Eu acho que posso descobrir se estamos sendo perseguidos por um barco”, disse. “Descansem um minuto e eu vou tentar o velho truque dos caboclos para ouvir”. Largamos nossos remos e ele pôs o ouvido no fundo do barco e permaneceu escutando por algum tempo. Levantou-se e disse: “Eles vem vindo e rapidamente”.

“Vamos tentar ser mais rápidos do que eles”, disse Cruz. “Se isto não der certo, podemos vencê-los de outra forma. Portanto, vamos remar por nossas vidas e pela causa de Esperança”.

Meus músculos queimavam no meu peito, por causa do esforço fora do comum, mas, mesmo assim, consegui ajustar os golpes do remo. Daí a 15 minutos, o sol anunciava o retorno da noite ao se tornar uma bola vermelha acima da floresta. Paramos e Jaime ouviu novamente. “Estão mais perto”, disse após um momento.

Cruz fez sinal para chegarmos às margens do rio. “Vamos tapeá-los desta vez”. Ele encontrou uma parte mais rasa, enchemos o barco com água e colocamos algumas pedras nele para fazê-lo afundar, depois de retirarmos nossa bagagem. Então nos escondemos bem e esperamos. Daí a alguns instantes, Sardov e seu grupo,

acrescido de outro índio, passaram por nós no crepúsculo.

Cruz riu de um modo relaxado. “Tudo bem agora. Eles nunca nos acharão, por mais que tentem. Vamos, homens, vamos comer alguma coisa e dormir. Chegaremos à nossa casa amanhã cedo”.

**.oOo.**

## **11**

### **MAIS PROBLEMAS**

O friozinho da madrugada já estava passando quando eu acordei no dia seguinte. Senti meu corpo dolorido, mas estava satisfeito por termos descoberto o que tínhamos que enfrentar em nosso conflito com os inimigos de Esperança. Eu sabia que Cruz, com toda a sua perspicácia, devia ter passado a noite estudando e analisando o problema e que agora já devia ter um plano de ação parcialmente pronto. Mas eu sabia também que de nada adiantaria fazer-lhe perguntas. Ele falaria quando achasse a hora certa.

Virei-me na rede e o vi agachado sobre uma fogueira, preparando o café para nós. Novamente senti uma grande admiração por um líder que se tornava servo de todos.

Ele percebeu meu movimento e olhou para mim. “Ah, Estêvão, você já acordou?” Seu sorriso mostrava dentes brilhantes, em contraste com sua pele morena. “Vamos tirar este Jaime preguiçoso da cama”. Foi até a rede e deu uma leve balançada e logo Randon estava sentado, esfregando os olhos.

“Amigos”, disse ele, “que dia difícil tivemos ontem! Sinto-me feliz por estar vivo e inteiro”. Ele olhou para Cruz. “Então, o cozinheiro está fazendo café novamente?”

Espero que seja melhor que o de ontem. Muita água ou pouco café – não pude chegar a uma conclusão”.

“Quieto ou eu deixo você fazer o seu”, disse Cruz, rindo. “Vamos, homens. Façamos uma oração de agradecimento ao nosso Pai Celestial pela Sua ajuda, pão e café e vamos embora”.

Durante metade de um dia não nos encontramos com mais ninguém do grupo de Sardov e, assim, estando bem longe, abandonamos a cautela demasiada e remamos para casa o mais rápido possível. A falta de motor fez nossa viagem ser mais longa, mas à noitinha estávamos chegando à nossa maravilhosa solidão da cidade escondida. Os postos avançados já tinham alertado a cidade e fomos recebidos por muita gente. Bete estava entre eles e foi maravilhoso vê-la. Parecia que eu tinha estado fora uma semana.

Ao descarregarmos o barco, perguntei a Cruz o que ele queria que eu fizesse. Ele refletiu por um pouco e então me deu sua ideia. “Primeiramente, Estêvão, não vamos preocupar as pessoas contando-lhes o que vimos e o que aconteceu. Eu quero que você dê uma boa instrução através de uma série de mensagens para todas as pessoas que quiserem ouvir. Pode preparar-se para iniciar daqui a alguns dias. Descanse bem hoje à noite e amanhã de manhã. De tarde, eu mando chamar você e nós três vamos estudar alguns planos de ação que estou formulando”. Ele se despediu de mim e foi embora com sua esposa e Bete.

Um amigo meu chamado Manuel ajudou-me a carregar minhas coisas para casa e, após um banho e uma refeição leve em um dos restaurantes da cidade, caí na cama e dormi profundamente durante oito horas.

Acordei extremamente preocupado com o resultado da nossa viagem. Estava percebendo cada vez mais, como a cidade de esperança, que eu amava como meu segundo lar, e o Brasil estavam em perigo. Qual seria nossa atitude? Como poderíamos salvar este lugar de paz para aqueles que eram banidos da civilização? Muitos deles tinham sido vítimas da doença de Hansen, mas drogas

modernas e um ótimo cuidado os tinham transformado novamente em cidadãos úteis.

O voto de Cruz para vingar seus pais, afastando-se da civilização e ajudando os desamparados, tinha-se tornado uma realidade. Por quanto tempo ele conseguiria manter esta pequena ilha de civilização escondida? Se dependesse de nós, não seriam Sardov e Raposo com seus métodos vís que nos descobririam e poriam fim a isso.

Para me tranquilizar, dei uma volta pelo setor comercial de Esperança. Lojas pequenas, mas modernas, ofereciam artigos úteis em troca da moeda usada lá. Cruz tinha o jeitinho de convencer cada pessoa que seu talento era uma contribuição ao bem geral da cidade e, conseqüentemente, todos trabalhavam com afinco, produzindo o que tinham capacidade de fazer. É claro que havia problemas, mas o espírito geral de cooperação dos habitantes que tinham sido cuidadosamente escolhidos era bom.

Um fazendeiro do interior da selva trazia seus produtos para vender ou trocar por equipamentos ou roupas. Os funcionários públicos necessários eram pagos através de um plano de contribuição. O incentivo individual era encorajado e os homens tinham a liberdade para desenvolver novas ideias que permitissem uma produção mais rápida.

Aos poucos fui aproximando-me de um restaurante para tomar meu café da manhã. Bicicletas passavam por mim e amigos gritavam seus cumprimentos, a caminho do trabalho. Os que eram solteiros ou de outros lugares estavam no restaurante tomando café, antes de cuidar de seus negócios. Pedi café, leite e geleia de abacaxi para passar no pão.

Sentei perto de Manuel e ele imediatamente se mostrou interessado em nossa viagem, pois ele tinha ouvido pelo jornal e pela rádio da cidade que tínhamos viajado. “Como foi a viagem, senhor Estêvão?”

“Ah, foi interessante”, respondi, evasivamente.

“Por que vocês saíram?”

Lembrei-me das instruções de Cruz. “Senhor Manuel, o senhor Cruz está fazendo alguns estudos e planejamentos em relação à nossa viagem. Ele nos explicará tudo quando tiver considerado todos os detalhes”.

O homem ficou satisfeito. “É por isso que gosto de nosso líder, senhor Estêvão. Ele é um homem que não perde tempo com uma porção de ideias, mas seleciona uma, trabalha em seu desenvolvimento e depois mais outra e assim por diante. Nós ficamos descansados e deixamos a organização nas mãos dele”. E não fez mais nenhuma pergunta sobre a nossa viagem.

Depois do café, andei até a minha cabana para pegar minha bicicleta e ir até a parte mais distante do setor central para tirar minhas medidas e fazer um terno do tipo usado em Esperança. Ele tinha bom caimento para permitir liberdade de movimentos e era feito de fibras sintéticas, de fácil cuidado. Eu usaria esta roupa enquanto estivesse na cidade.

Não tentei visitar o hospital nos subúrbios porque o tempo era curto; resolvi que mais tarde o visitaria. Carlos, o filho de Cruz, estava estudando medicina lá e seria bom vê-lo, trabalhando.

O relógio a pilhas da parede de Cruz deu três badaladas. Tínhamos chegado e estávamos conversando e trocando ideias sobre a nossa aventura.

“Agora, Estêvão e Jaime”, disse Cruz, “a primeira coisa que precisamos saber é se o grupo sabe de nossa existência aqui. Qual a opinião de vocês, depois do que vimos e ouvimos?”

“Senhor Cruz”, disse Rondon, “lembra-se do que disseram sobre os seus vizinhos? Será que somos nós?”

“Temos que crer que é bem possível”, respondeu Cruz, seriamente. “Sardov viu a Estêvão e a mim no lago, lá do outro lado; portanto, ele sabe que alguém está por perto. No entanto, ele sabe que alguém está por perto, mas eu não entendo como é que eles podem ter encontrado nosso acampamento, pois temos guardas muito bons sempre a postos. Posso dizer quase com

certeza que ninguém poderia chegar perto de nós, num raio de 25 quilômetros, sem que nós soubéssemos”.

“Sim, é verdade, senhor Cruz”, disse Rondon. “Eu pessoalmente várias vezes tentei passar pelos guardas para testá-los e eles me pegaram cada vez”.

Cruz estava lembrando-se de alguma coisa. “Lembram-se, por exemplo, daquele índio, daquele que parecia ter uma antipatia por Estêvão? Ele foi interceptado imediatamente e só o deixamos passar quando soubemos que era um nativo que não nos causaria nenhum mal”.

“Mas, senhor Cruz”, eu disse, “tudo o que vimos, leva-nos à quase certeza que eles sabem que alguém está na área. Houve também aquele caso com o senhor Rondon em São Paulo. Eles também podem descobrir nossas mochilas mais tarde e aí vão saber com certeza que não foram índios que os visitaram”.

Cruz fechou os olhos. O cansaço dava-lhe uma aparência de magreza e desfiguração. “Sim, creio que temos que admitir que pelo menos eles sabem de nossa existência. Será que nunca haverá paz no mundo? Nós temos que estar constantemente correndo só porque queremos ajudar aos pobres e oprimidos? Será que eles nunca vão nos dar sossego?”

Levantou-se e andou de cá para lá durante uns cinco minutos, sem dizer uma palavra. Esperamos em silêncio e um certo suspense para ouvir sua decisão. Finalmente, sentou-se novamente. “Bem, Jaime e Estêvão, creio que devemos lutar contra eles – ou fazer alguma coisa que os afaste de Esperança. Primeiramente, temos que levar em consideração que somos cristãos e temos que tentar salvar suas vidas. Quem dera pudéssemos salvar suas almas! Há, pelo menos, três coisas que poderíamos fazer: uma, poderíamos notificar o governo, mas isto poderia nos afastar também, ao sermos descobertos”.

Cruz estendeu dois dedos. “Segundo, poderíamos fazer um ataque surpresa, cercado-os e atirando neles, mas não temos certeza de quantos homens eles têm ou que armas eles poderiam usar. Também, como já

anularia a possibilidade de chegada de outros que também devem saber do acampamento”.

Ele olhou para mim. Você se lembra daquele jato que soltou um paraquedas?”

Eu fiz que sim com um movimento de cabeça.

“Isto pode representar problemas para nós. Se Sardov dê alguma ordem, eles poderiam nos bombardear, já que sabem onde estamos. No entanto, duvido que o façam, pois isto poderia chamar a atenção das autoridades do governo para esta região. É fato consumado que eles, tanto quanto nós, querem permanecer no anonimato o máximo possível”. Ele tamborilou com os dedos na mesa. “Não! Eles depois de estarem certos de que podem derrubar nossa defesa estarão quietos. Por enquanto, estamos seguros, mas não por muito tempo. A iniciativa terá que ser nossa”.

“Senhor Cruz, o que me diz da Baleia Verde que o senhor Estêvão viu e de que nós já ouvimos falar? Deve ter uma ligação, não é?”

“Sim, Jaime. Não há dúvida de que faz parte de um plano bem feito. Eu sei que deve estar ligada a eles. O que é realmente, não sei, mas tenho ideia do que seja...”

O transceptor entrou no ar: “Senhor Cruz, chamando senhor Cruz, mensagem de L4”.

Cruz pegou no microfone. “Cruz falando” ele olhou para mim. “L4 é nosso Projeto indígena”.

“Senhor Cruz”, ouviu-se uma voz agitada. “Temos grandes problemas. Os índios estão se revoltando contra nós. O senhor pode vir imediatamente?”

“Sim, Roberto. Irei o mais rápido possível. Qual é o problema? Eles estão perigosos? Estão usando armas ou qualquer outra coisa?”

“Não, senhor Cruz, nenhuma arma, mas eles estão deixando bem claro que não querem mais ouvir falar sobre Deus. Não querem mais aulas de língua ou estudos bíblicos. Nada mais. Eles dizem que vão embora e não vão voltar”. Sua voz parecia urgente. “Como eu disse, senhor Cruz, venha imediatamente ou todo o nosso trabalho terá sido em vão”.

## NA ALDEIA INDÍGENA

“Não há tempo para pegar as bicicletas, Jaime. Chamarei a emergência imediatamente. Obrigado”.

Ele se virou para Rondon: “Jaime, ajunte uns vinte homens e venha rapidamente. Estêvão e eu vamos na frente. Farei o que puder para fazê-los mudar de ideia”.

Saímos apressadamente no momento em que um homem vinha chegando com um carrinho elétrico. “Entre, Estêvão”, disse Cruz. “Vou levar você para ver nosso trabalho com os índios. Só que gostaria que fosse em circunstâncias mais pacíficas”.

“O senhor não vai levar armas?”

“Não, Estêvão. Seria a pior coisa. Temos que mostrar a eles que temos confiança neles. Isto agrada muito ao índio”. Ele mexeu numa alavanca e saímos, enquanto Rondon correu numa outra direção na sua bicicleta.

Cruz ligou uma sirene baixa para abrir caminho entre os ciclistas e logo o carrinho estava levando-nos floresta a dentro numa certa velocidade. A estrada de asfalto tornou a viagem emocionante. As curvas eram inclinadas para permitir uma certa velocidade e Cruz fez bom uso delas quando que o caminho estava livre.

A tribo indígena distava cerca de meia hora de carro e Cruz me explicou um pouco de seu trabalho lá e dos problemas envolvidos. “Como você se lembra, Estêvão, eu percebi que tínhamos que abandonar a velha localização de Esperança, mas me preocupou muito o fato que não podíamos fazer nenhum trabalho cristão com outras pessoas. Quando me lembrei dos índios, então senti que poderíamos tentar alcançar este povo que talvez nunca pudesse ouvir o Evangelho da salvação de outra forma”.

“Temos tido alguns cooperadores que mostraram talento em relação a línguas e aprenderam o dialeto indígena, ao mesmo tempo que lhes ensinavam o português. Agora, depois de todo este tempo, parece que estamos nos fazendo entender e nossa pregação está (ou, talvez seja melhor dizer, estava) convencendo-os de que Deus os ama e que Cristo morreu por ele”.

Ele diminuiu a velocidade ao entrar em uma curva bem fechada e então tornou a acelerar. “Tem sido tão difícil tirar a sua atenção da superstição e trazê-los ao conceito puro de Deus que amamos e em Quem confiamos! Agora, nosso trabalho está ameaçado. Olhe, Estêvão, eu fiquei impressionado com aquela palavra em Apocalipse 7:9: *“Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestiduras brancas, com palmas nas mãos”*. Eu estou convencido que Deus nos enviou para cá para fazer contacto com este povo, para que, pelo menos, alguns deles possam fazer parte daquela multidão quando formos louvar a Deus nos céus pela nossa salvação. Portanto, faremos todo o possível para evitar que estes índios se afastem de nós antes que eles tenham tido a chance de entender a Palavra de Deus e aceitá-la em suas vidas”.

Então aponte para um lugar distante que parecia ser o final da estrada. “É aqui?”, perguntei.

“Sim, Estêvão. Vamos deixar o carro aqui e andar até lá. E vamos orar enquanto caminhamos”.

O carro parou perto do outro carro elétrico com rádio e nós saímos. Segui Cruz numa trilha bastante usada e ele cantava alto. Supus que esta era sua maneira de anunciar sua chegada, para não dar a impressão de estar chegando às escondidas dos índios. Logo chegamos a uma grande clareira com uma porção de cabanas bem feitas e cobertas de folhas de palmeira. Roberto, o assistente de Cruz, conversava animadamente com um grupo de índios pequenos, mas de bom físico.

Todos vieram ao nosso encontro ao chegarmos e Cruz, embora eu não pudesse entender nada do que ele

dizia, cumprimentava cada um respeitosamente e por nome. Mesmo que a atitude dos índios demonstrasse distanciamento, eles não podiam resistir totalmente à bondade de Cruz e respondiam aos seus cumprimentos com um certo grau de amizade.

Cruz era um linguista natural e já conhecia bastante da língua dos índios, pelos menos o suficiente para fazer-se entender e prender-lhes a atenção enquanto tentava raciocinar com eles. Mas um deles, aparentemente o chefe, parecia estar fazendo imposições com as quais Cruz não concordou e, após uma discussão de uns 15 minutos, os índios saíram em grupo para o outro lado da vila.

Roberto veio imediatamente para explicar a Cruz o significado de seu chamado. “Senhor Cruz, aquele índio estranho tem vindo aqui novamente e a situação está séria. Ele deu aos índios umas facas muito bonitas que ele conseguiu em algum lugar e ganhou a confiança deles através de suas atitudes. Agora eles dizem que será seu conselho tribal, em lugar do senhor ou de mim. Ele se mostrou suficientemente inteligente para não querer tomar o lugar do chefe e ao lado dele. Convenceu-os de tal maneira que nós os queremos simplesmente para serem nossos escravos e que a nossa ideia a respeito de Deus não é correta, dizendo-lhes que não é o que os seus antepassados criam”.

Roberto olhou preocupadamente para o grupo de índios do outro lado da vila. “Dizem que querem voltar à velha vida de nômades à qual estão acostumados. Senhor Cruz, não há meio de nos livrarmos deste intruso?”

Cruz estava perplexo. “Você sabe, Roberto, que eu tenho tentado fazer amizade com este índio a fim de podermos fazer contacto com mais uma tribo, por amor de Cristo. Mas, na verdade, estou sem saber o que fazer e parece que alguma atitude drástica tem que ser tomada”.

“Lá vem ele novamente”. Roberto estava olhando para o grupo de índios que estava aproximando-se em torno de uma figura alta. “Ele voltou. Quem sabe se podemos acertar tudo agora”.

Cruz concordou. Seus olhos demonstravam um firme propósito à medida que ele ia andando na frente. Roberto e eu o seguimos.

O índio alto olhou para nós e riu. Quase que imediatamente, parecia que estava incitando o grupo atacar. Mas estava claro que eles não queriam fazer isto. Era quase possível ver o conflito em suas feições, ao serem instigados a fazer mal ao homem que somente lhes fizera bem. Nem um deles ergueu a mão contra nós.

Nesse momento, Cruz aumentou a confusão. Dirigiu-se ao índio estranho, pegou em sua mão e lhe deu alguns tapinhas nas costas. Ele fez uma grande mímica para mostrar que era amigo e isto jogou por terra a estratégia do índio.

Agora os outros índios estavam olhando como ele reagiria a tal mostra de amizade. Os olhos meio amedrontados do índio pulavam de Cruz para os índios e novamente para Cruz, como uma bola de pingue-pongue. Naquele momento, ouvimos o barulho causado por Rondon e seu grupo, descendo a estrada perto da clareira e cantando alegremente.

Com este acontecimento, eu sabia que a crise tinha passado, mas também, no mesmo instante, surgiu uma crise para mim. O índio deu um passo à frente e me olhou fixamente nos olhos. Com algumas palavras e gestos ele claramente indicou aos outros que era mais forte do que eu. Ele apontou para o sol e fez vários gestos e movimentos abertos com o braço. Eu não tive dificuldade em entender que ele estava fazendo-me um desafio.

Roberto falou com os outros índios para ver o que pensavam e voltou-se para mim. “Os homens dizem que este homem quer lutar com você para mostrar qual é a religião suprema, como ele diz. Ele voltará dentro de duas semanas, depois de algumas cerimônias diante de seu deus, e vai desafiar você diante de todo o grupo. Você aceita o desafio?”

“É claro que o senhor Estêvão aceita”, disse Cruz.

E eu não pude fazer nada, a não ser concordar.

Roberto explicou ao grupo e todos concordaram satisfeitos. Cruz me bateu nas costas. “A situação melhorou, Estêvão. Por enquanto, não haverá mais problemas. Mas vamos explicar a Rondon e aos homens o que está acontecendo e, então, vamos para casa treinar. Esta é uma luta que você não vai perder”.

Vimos o índio causador de problemas entrar na floresta e ir embora e, então, fomos ao encontro de Rondon e de seus homens. Eu não sabia o que pensar sobre o desafio. De qualquer forma, eu sabia que teria de dar tudo de mim. Se eu perdesse, os resultados poderiam ser terríveis!

.oOo.

## 13

### PERIGO

“Eu quero que você veja o novo ‘Relâmpago Negro’ hoje, Estêvão”. Eu estava tomando uma xícara de café com Cruz, depois de um treinamento violento em que o líder de Esperança me mostrou alguns truques que ele usava para lutar e eu ainda estava dolorido após seu tratamento ‘gentil’”.

“Tubo bem comigo, senhor Cruz”, eu disse. “Mas escute. Tem alguma coisa incomodando-me: não está errado colocar Deus à prova desta maneira? Vamos supor que eu perca a luta contra o índio. Será que a visão dos índios com relação a Deus não se enfraquecerá?”

Cruz sorriu. “Nem fale em perder, Estêvão. Simplesmente aplique o que eu lhe ensinei à sua força natural. Os índios gostam muito de lutar e quase todos usam lutas nas tribos, mas não cientificamente. Ele simplesmente tentará passar-lhe uma rasteira ou, então, usará a força bruta e você entende o suficiente para derrotá-lo nisso. De qualquer forma, o pensamento

indígena está de acordo com estes testes que põem à prova a força da religião e que nós não podíamos recusar. E também me pareceu quase como o caso de Elias e o teste do deus verdadeiro contra os profetas de Baal”.

Eu nem imaginava que esta era uma das poucas vezes que Cruz estava terrivelmente enganado.

“Tudo bem, senhor Cruz. Farei o melhor, mas gostaria que não houvesse um problema tão sério na dependência da minha vitória”.

“Vamos orar, Estêvão, e colocar o nosso problema diante do Senhor. Tudo dará certo, exatamente como no caso dos profetas”. Nós nos ajoelhamos e Cruz orou de uma maneira simples e direta:

“Ó nosso Deus, Tu que és o Deus que ajudou Elias, Tu conheces o trabalho que estamos fazendo para tentar ganhar estes pobres índios não civilizados para o Senhor Jesus Cristo. Agora ajuda Estêvão a ter confiança em sua capacidade, não para a sua própria honra, mas para a Tua honra. Ajuda os pobres índios a Te encontrarem e ajuda a este índio estranho que está nos causando tantos problemas a também ser salvo. Pedimos em nome de Jesus. Amém”.

Pegamos as bicicletas e fomos por uma estrada que leva ao interior.

“O ‘Relâmpago Negro II’, está pronto, Estêvão, mas nós ainda não o usamos. Usamos o primeiro nos ataques repentinos em navios, mas nem é necessário dizer que não fazemos mais isto. Eu continuo pensando que talvez possa haver a necessidade de um barco veloz e queremos que ele esteja pronto para tal circunstância. Pode ser, por exemplo, que esta crise que temos que enfrentar com Sardov exija isto. Portanto hoje faremos outro teste. Jaime e eu já o testamos até um certo ponto e sugerimos algumas melhorias e agora vamos ver se estávamos certos no que achávamos ser necessário”.

Passamos rapidamente pela floresta e o ar sem sombras e fresco era revigorante. Eu já estava acostumado a andar de bicicleta e Cruz e eu andamos em boa velocidade, sem nenhum esforço. De vez em quando, passávamos por algumas pessoas indo à cidade ou por

algum grupo de trabalhadores podando mais árvores. Em certo lugar paramos e ajudamos um grupo de cinco homens a tirar uma árvore da estrada, onde tinha caído devido a uma tempestade.

Demos uma volta grande e finalmente saímos num lago a uma certa distância da cidade. Num galpão muito bem disfarçado, encontramos o Relâmpago Negro. Ele era um enorme aerobarco de cor escura, cuja aparência dava uma sensação de força.

“Não é estranho, Estêvão”, disse Cruz, passando a mão levemente na fuselagem, “que eu tenha este aerobarco e que não tenha uso para ele? No entanto, como já disse, eu creio que um dia nos servirá”.

“É uma máquina magnífica!”, disse eu.

“Bem, Estêvão. Em breve você verá como ele é magnífico. Creio que poderemos andar alguns quilômetros sem o perigo de encontrar nossos inimigos. Os abafadores de som são excelentes”.

Ele virou-se para alguns homens ali perto. “Miguel, Manuel, Martins, todos, deem uma mão, por favor. O senhor Estêvão e eu vamos testar o barco”.

Mais um instante e tínhamos entrado na cabine e estávamos sendo empurrados em direção à água numa plataforma rolante. A plataforma submergiu e nós escorregamos suavemente. O casco largo flutuou bem, apesar de seu tamanho. Cruz apertou um botão e os motores funcionaram de uma vez e depois se estabilizaram em marcha lenta. Ele observou o funcionamento de vários instrumentos, enquanto descíamos o rio, levados pela correnteza. De repente, ele acelerou e eu fui jogado para trás no meu lugar quando o barco arrancou para a frente e para cima nos seus esquis. Durante alguns minutos, Cruz testou a capacidade de manobra e a velocidade e deixamos uma trilha sinuosa na água. Então tive a grande felicidade de minha vida, quando Cruz deixou que eu pilotasse esta maravilha de transporte marítimo. Era quase que pilotar um avião. O casco subia acima do nível da água e os esquis aceitavam manobras rápidas. Ele acelerou como um tigre a quem se puxa o rabo. Com um suspiro de

satisfação, devolvi os controles a Cruz. “Bem, Estêvão, acho que já temos visto o que este barco pode fazer. Farei a curva naquela parte larga do rio”.

Eu nunca gostei das grandes árvores secas que se encontram aqui e ali, às margens dos rios no interior do Amazonas. Muitas delas se inclinam sobre a água, como se fossem cair a qualquer momento. À nossa frente havia uma árvore destas, instintivamente, eu olhei para ela à medida que Cruz se aproximava.

“Senhor Cruz”, eu gritei. “Cuidado!”

O grande fantasma estava começando a se inclinar mais para baixo. De início, devagar, mas depois cada vez mais rápido até parecer que ia cair bem em cima de nós. Foi somente a velocidade de Relâmpago Negro que nos salvou naquele momento. A impressão que tive foi que seríamos esmagados como uma tora esmaga uma casca de ovo, mas Cruz usou toda a potência dos motores e nós demos um salto para a frente quando a árvore caiu, revolvendo as águas do rio bem atrás de nós.

Cruz diminuiu a velocidade e olhou para trás. “Estêvão, tem alguma coisa estranha aqui. Graças a Deus que escapamos, mas por que aquela árvore escolheu justo este momento para cair? Acho que devemos voltar atrás e ver se há algum sinal de que alguém tenha ajudado a árvore a cair”. Ele fez a curva e diminuimos a velocidade para parar onde o tronco estava caído com sua copa bem no meio do rio e as raízes parcialmente presas pelos arbustos da floresta. “Olhe lá”, ele disse. “Parecem marcas de machado nas raízes, não acha?”

Eu não tinha certeza. “Vamos descer e verificar, senhor Cruz”.

“Muito bem, Estêvão. Abra a escotilha e abra o barco naquela árvore ali na margem. Então nós... Estêvão, entre imediatamente!”

“Por que, senhor Cruz?”

“Olhe lá”. Cruz apontou para perto do tronco. De um enorme buraco uma jiboia gigante saía devagarzinho. “A queda da árvore a perturbou e ela está brava”. De repente, a cobra percebeu nosso barco. “Estas cobras são

as mais terríveis ameaças da região amazônica, Estêvão. Aquela deve ter no mínimo uns dez metros. Feche a escotilha para que ela não entre”.

De repente, a jiboia com muita esperteza jogou sua cauda ao redor da proa do Relâmpado Negro. “Olhe, Estêvão”, disse Cruz. “Olhe a força do monstro. Temos que tirá-lo”. A cobra estava até mesmo amassando o alumínio da proa. Cruz olhou em redor, procurando uma arma. “Nós não trouxemos nem um machado. Como vamos tirá-la? Ah, Já sei!”

Cruz enrolou um pedaço comprido de papel e o molhou com um pouco de combustível de uma válvula da cabine. Depois, ele acendeu o papel com um fósforo e, quando estava queimando bem, ele abriu a capota e colocou o papel em chamas sobre a cobra que parecia não se incomodar, mas quando o calor começou a esquentar a pele pintada ela deu um chiado tremendo, relaxou e caiu na água ao lado do barco.

“Bom trabalho, senhor Cruz”, eu disse.

“Seria perigoso sair agora sem uma arma. Vamos ter que checar isto mais tarde. Acho que seria melhor deixar nossa amiga e voltar para casa. Amanhã eu mandarei alguns homens aqui para descobrirem o que for possível”.

Voltamos devagar e encontramos os homens esperando por nós para nos ajudar a entrar no galpão. Cruz falou com eles sobre a árvore seca e deu-lhes as informações para poderem encontrá-la. Ele também os avisou a respeito da jiboia.

Deixamos os homens fazendo uma limpeza no aerobarco e voltamos para casa em nossas bicicletas. Cruz andava devagar. “Bem, Estêvão, quando estou com você não há um momento enfadonho. Parece que gostamos de aventuras, não acha?”

“Senhor Cruz, o senhor não se incomoda de andar mais depressa ou eu terei uma aventura que não gosto”.

“O que é, Estêvão?”

“Tenho um encontro com sua filha”, eu disse. “E ela disse que era melhor eu chegar na hora, senão não haveria encontro”.

Cruz sorriu concordando e aumentou a velocidade.

## DESAPONTAMENTO

O grande anfiteatro de Esperança ainda não estava pronto, mas já estava sendo usado. Passei na casa de Bete para pegá-la e juntos andamos pelo centro da cidade.

Uma pessoa acostumada à vida noturna de uma cidade grande se sentia completamente enfadada com a vida noturna de Esperança, pois não havia muita novidade. Às vezes, um concerto, piqueniques, caminhadas a novas partes da selva, palestras sobre jardinagem e cuidado de hortas, exposições de agricultura com prêmios para os melhores produtos, corridas de bicicletas e provas de atletismo. Com este programa tranquilo, não havia casos de estafa ou de úlceras estomacais.

Entramos na fila para comprar o ingresso. Paguei um preço mínimo na moeda usada em Esperança – era chamada “liberdade”. Isto era dado aos músicos para estimular seu interesse em concertos e promover a arte.

Entramos no anfiteatro e achamos lugares bem na frente. Estávamos defronte à concha acústica, semelhante a uma concha do mar gigantesca, iluminada suavemente com luzes harmonizantes. Os músicos estavam terminando de afinar seus instrumentos e eu percebi que a orquestra tinha dobrado em relação ao número de músicos desde os meus dias na velha Esperança.

O maestro entrou no palco. Após ele, um coral com 50 membros, todos de beca, entrou em fila e se posicionou nas elevações; suas becas brancas eram sombreadas de um azul escuro, pelo jogo de luzes. De

repente, o maestro levantou sua batuta e a orquestra começou a tocar uma marcha enquanto pelos dois corredores entrou a guarda de honra da cidade, carregando a bandeira de cor roxa com motivos em verde. Imediatamente o auditório completo se levantou e cantou o hino da cidade:

*Viva a cidade de Esperança e paz  
Que ao fraco forças traz.  
Assim unidos permanecemos  
Firmes na nossa determinação,  
Firmes na nossa resolução.  
Justiça para todos é nosso empenho.  
Nas profundezas da selva amazônica  
A tocha da liberdade brilhará eternamente*

A música num vibrante com tom menor me fez sentir um calafrio. Quando as vozes se calaram, Cruz subiu ao microfone e elevou a Deus uma prece, rogando bênçãos sobre todos os presentes. Quando terminou o povo se sentou no meio de abafados cochichos. Um minuto de silêncio e então o maestro levantou sua batuta para o início de uma tumultuosa peça de abertura. E daí para a frente o programa e a música foram excelentes.

Não me esqueço da alegria crescente que senti quando o coral e a orquestra se uniram nos sons finais e majestosos do ‘Coro de Aleluia’ do ‘Messias’ de Handel. E o auditório agradeceu os esforços do grupo com uma longa ovação de pé.

O restaurante mais frequentado de Esperança fica defronte a um lago não longe do centro. Escolhemos uma mesa no terraço, iluminada somente por uma vela e que nos proporcionava uma vista perfeita dos céus e seu reflexo nas escuras.

Livre de fumaça ou poeira, a luz parecia tão próxima que dava a impressão de podermos estender a mão e tocá-la. As estrelas brilhavam com intensidade e os vagalumes voavam aqui e ali, acrescentando um tom pitoresco à cena.

Um garçon se aproximou e eu pedi dois churrascos. Depois, virei-me para olhar para Bete. À meia luz da vela, eu podia ver uma lágrima brilhando em sua face. “O que foi, Bete? Está sentindo-se bem?”

“Ah, sim. Estou bem, Estêvão. É só... bem... eu lhe contarei mais tarde, depois de comermos”. Ela afastou a tristeza e durante os próximos trinta minutos apreciamos a companhia um do outro.

Finalmente, eu estendi o braço por sobre a mesa e peguei sua mão. Eu sabia que precisava tentar persuadi-la a me aceitar. “Bete, não sei o que está incomodando-a, mas eu sei de uma coisa. Eu preciso de você. Não consigo amar outra pessoa”.

Mais uma vez, à luz trêmula da vela, eu vi uma lágrima como um diamante líquido, descer pela sua face. Ela apertou minha mão. “Estêvão, eu preciso lhe dizer porque estou assim. Veja bem, eu tenho considerado com muito cuidado o que aconteceria se eu me casasse com você. Eu sei que você não tem a intenção de ficar aqui. No fundo do meu coração, eu o amo e daria tudo para estar ao seu lado o resto da vida; no entanto, eu não posso desapontar meu pai. Ele precisa de minha ajuda e eu sinto que devo ficar para ajudá-lo”.

“Mas, Bete”, eu implorei, “se você falasse com seu pai, eu tenho certeza de que ele concordaria em deixar você ir comigo”.

“O problema é justamente aí. Eu não posso fazer isto, Estêvão. Ele é tão generoso. Ele gosta de você e ele diria sim em um minuto. Mas eu tenho sido egoísta em minha vida passada e agora, pelo menos uma vez, eu vou desistir de alguma coisa que realmente é importante para mim”.

“Bete, você não está falando sério!”

“É melhor você crer que sim. Esta pode ser minha decisão final, Estêvão, embora o meu amor seja maior do que era quando o encontrei pela primeira vez”. Ela se levantou. “Talvez fosse melhor irmos para casa”.

Meu pensamento voltou atrás no tempo, voltou à ocasião em que Bete tinha oferecido seu coração para mim e eu tinha recusado. Agora ela estava fechando a

porta para sempre a qualquer esperança que eu pudesse ter.

Paguei a conta meio confuso e saí atrás de Bete. Na recepção, o gerente me deu um bilhete “Um recado do senhor Cruz”, ele disse. “Ele me pediu que lhe desse o bilhete, assim que saísse do restaurante”.

Peguei o bilhete e o li. “Estêvão, por favor, venha ao meu escritório assim que puder”, dizia a sucinta mensagem. Dobrei o papel, coloquei-o em meu bolso e saí indiferentemente para andar com Bete até sua casa sob as estraladas magníficas que agora não me traziam nenhuma satisfação.

Vinte minutos depois, eu estava entrando no escritório de Cruz. Jaime e Cruz estavam sentados, tomando café. “Gostou do concerto, Estêvão?”, perguntou Cruz.

“Sim. Foi ótimo”, respondi com pouco entusiasmo.

Ele olhou para mim e perguntou com ar questionador: “Tudo bem entre você e Bete, Estêvão?”

Mas ele mesmo me salvou do embaraço da resposta e disse: “Mas estou fugindo do assunto importante, Estêvão. Nossos operadores de rádio receberam uma mensagem do homem que enviamos a Manaus para comprar algumas coisas necessárias. Ele disse que a patrulha fluvial estava indo em direção de seu barco para prendê-lo com acusações de contrabando. Ele disse o nome da aldeia e disse para procurarmos por ele na cadeia daquele lugar, pois ele supunha que seria levado para lá. Ele disse que ia jogar o rádio e qualquer evidência ao rio, para que não tivessem nada de que acusá-lo. E foi só isto que ouvimos”.

“O que o senhor fará, senhor Cruz?”

“Jaime e eu já conversamos”, respondeu pensativamente. “Acho que é uma ocasião adequada para usarmos o Relâmpago Negro”.

“O que o senhor está pensando fazer?”

Os olhos de Cruz faiscavam com o brilho da aventura. “O que você acha? É claro que vamos salvá-lo. Nós não podemos arriscar que ele seja levado à corte em

Manaus injustamente e ainda mais deixar que eles descubram algo sobre Esperança”.

“Mas o que poderíamos fazer para ajudá-lo?”

“Descobriremos quando chegarmos lá. Nós somos um bom time. Nós três, Estêvão. Você quer ir conosco?”

Seu entusiasmo era contagiante. “Claro que eu ficarei contente pela chance de andar naquela maravilha em rio aberto”, disse eu.

Cruz riu e me bateu nas costas. “E desta vez você vai de livre e espontânea vontade”.

Eu sabia que ele estava lembrando-se da ocasião em que, nos seus dias de pirataria, ele havia me forçado a acompanhá-lo em alguns ataques.

“Então prepare-se, Estêvão. O aerobarco está sendo equipado e vamos sair lá pela meia noite”.

**.oOo.**

**15**

## **A FUGA DA CADEIA**

Estava escuro na cabine do aerobarco ao navegarmos pelo pequeno rio a uma velocidade reduzida. A luz fosforescente dos instrumentos refletia e intensidade da expressão de Cruz, que se observava enquanto Rondon pilotava. Atrás de nós, os dois ocupantes estavam ocupados checando e organizando tudo.

Cruz tirou os olhos dos instrumentos. “Tudo bem, Jaime. Nenhum sinal de aquecimento externo ou outro problema qualquer”.

A mata virgem, com cipós e trepadeiras, passava à nossa direita, e a luz iluminava nosso caminho a tal ponto que não era necessário farolete. Cruz ainda não tinha instalado o equipamento de radar, portanto

precisávamos de uma luz para enxergar os troncos na água.

Cruz voltou-se para mim. “Vamos devagar até chegar a um dos lagos maiores. Dali até a entrada de um rio maior que leva ao Rio Amazonas, bem perto da vila onde Cláudio pode estar preso, é pertinho”.

“Quem dera eu me sentisse confiante em relação à segurança do povo contra um ataque”, disse Rondon. “Assim eu poderia aproveitar mais desta viagem”.

“É claro que arriscamos um pouco, Jaime”, disse Cruz. “Eu dei instruções ao líderes de grupo para ficarem vigilantes, mas não expliquei o motivo. Tenho o pressentimento de que tudo acontecerá a seu tempo e encararemos este problema quando chegar a hora. Portanto, vamos esquecer isto e nos concentrar no problema de agora”. Então ele me perguntou: “Está com fome, Estêvão?”

De repente, percebi que estava com fome. “Uma xícara de café e um sanduíche seria bom para me manter acordado, senhor Cruz”.

“Martins, assim que tudo aí estiver em ordem, faça um café para nós e prepare alguns sanduíches, por favor”

“Tudo bem, senhor Cruz”, disse Martins.

Cruz olhou para mim. “Não há necessidade de você ficar acordado, Estêvão. É provável que não cheguemos à aldeia até de madrugada. E, então, não haverá muito a fazer, exceto descobrir o que aconteceu a Cláudio. Você chamaria certa atenção; portanto, é melhor você ficar com Martins, vigiando o aerobarco, depois que nós o escondermos às margens do rio”.

O cheiro de café tomou conta do ambiente quando Cruz cortou os motores e o Relâmpago Negro parou. “O café está pronto, homens. Já estamos chegando ao grande lago e, daqui para a frente, vamos navegar em alta velocidade”.

Terminado o café, Cruz tomou a direção e, ao sairmos ao lago, lá pelas três horas da manhã, ele acelerou a toda potência. O barco se levantou nos seus esquis e fomos a toda velocidade em direção ao nosso objetivo. Quando cochilei, o velocímetro marcava 160

quilômetros por hora. Então, enquanto os esquis deslizavam suavemente, eu dormi.

Quando acordei, estávamos no Rio Amazonas e Cruz tinha diminuído a velocidade e estava entrando num pequeno riacho meio escondido. Eu me espreguicei e sentei. Cruz percebeu meu movimento e explicou: “Estamos a pouca distância acima da aldeia, Estêvão. Jaime, Pedro e eu vamos a pé até a vila. Você e Martins podem ficar aqui e esperar pela nossa volta”.

O tempo custava a passar enquanto esperávamos pela volta de Cruz. Eu li durante algum tempo e depois tive a ideia de lançar um anzol no rio e ver se tinha sorte. Não demorou muito e apanhei um tucunaré de sete quilos e meio. Entreguei-o a Martins, que o colocou na geladeira, prometendo prepará-lo na primeira oportunidade.

Chegou o meio dia e nem sinal dos outros. Preparamos o peixe para o almoço e esperamos mais. Passaram-se mais duas horas, depois três, depois quatro. “Tem alguma coisa errada, senhor Estêvão”, disse Martins. “Será que não seria melhor a gente ir ver o que aconteceu?”

“Eu acho que tem razão”, respondi. “Se eles não chegarem até as quatro e meia, nós iremos ao seu encontro”.

Às quatro e meia, Cruz ainda não tinha chagado. Martins e eu saímos da cabine do aerobarco e começamos a andar à beira do rio. “Tire seu relógio e suje suas botas com lama, para se disfarçar um pouco e não ficar com aparência de um estranho nestas regiões”, disse Martins. Depois, olhando para mim, sorriu, dizendo: “Por que vocês, paulistas, se parecem e agem tanto como paulistas?”

Depois de andar uma hora, chegamos a uma cabana no meio da selva e ali havia um barco amarrado à beira do rio. “Martins”, eu disse, “veja se você consegue comprar aquele barco. Ofereça meu relógio e diga que nós o devolveremos mais tarde”.

“Será um bom negócio para eles. O relógio custa mais que o barco”.

Martins se aproximou do barracão e bateu palmas. Uma mulher que tinha estado cozinhando saiu à porta. “Senhora”, disse Martins, “meu amigo e eu precisamos chegar à aldeia e estamos cansados de andar. A senhora concordaria em fazer um negócio conosco? O relógio pelo barco”.

A mulher nem hesitou. Ela pegou o relógio nas mãos e nos mostrou onde tinha um remo extra. Nós prometemos tentar devolver o barco, mas, se não fosse possível, o deixaríamos na aldeia e pediríamos que alguém o devolvesse. Então saímos remando rapidamente.

Estava quase escuro quando chegamos defronte à aldeia e puxamos o barco para a margem. Martins desceu e depois de olhar cuidadosamente em redor, me chamou para acompanhá-lo. Não havia luz, mas apenas a iluminação das lamparinas nas casas. Descemos a rua escura e Martins entrou num pequeno armazém onde se vendiam coisas típicas da região e comprou dois chapéus de palha de tipo comum. Com eles nas nossas cabeças, não chamávamos tanto a atenção ao descermos a rua tentando resolver o que iríamos fazer. Vimos um grupo de homens numa das ruas principais e chegamos até a orla do grupo para ver o que estava acontecendo.

Não tivemos que esperar muito. O assunto era Cruz e seus homens. Ninguém sabia quem eram eles, mas todos tinham uma opinião que expunham uns aos outros em alta voz. Rapidamente conseguimos entender o seguinte: Cruz nem bem tinha entrado na vila quando dois guardas, preocupados com os recentes contrabandos do rio, lhes apontaram as pistolas e os levaram para a cadeia.

Eu cutuquei Martins, saímos do grupo e fomos tentar encontrar a cadeia. Perguntamos a um menino e ele nos disse que estávamos a duas quadras da cadeia.

Aproximamo-nos com cuidado, observando o lugar para ver o que teríamos que fazer para soltar Cruz. Era uma cadeia de duas celas, vigiadas por um guarda com um ar meio descuidado. Ele estava sentado em uma cadeira debaixo de uma pequena árvore perto da porta de

ferro. Vimos que ele tinha um rifle poderoso e resolvemos não atacar de frente. Demos a volta por trás e achamos uma única janela com grades e ela não estava sendo vigiada. Eu cheguei bem pertinho.

“Senhor Cruz”, disse baixinho.

Imediatamente, um rosto apareceu nas grades. “Estêvão! Que maravilha! Você pode nos tirar daqui?”

“A janela é forte?”

“Não muito”, ele respondeu. “Mas acho que nossos esforços não seriam suficientes”.

De repente, me lembrei de um velho truque. Eu precisava arranjar um animal – um cavalo ou um bezerro. Pedi a Martins que fosse comprar um rolo de corda, o que é comum em qualquer loja à beira do rio, e eu fui procurar um animal pelas ruas. Finalmente, encontrei uma égua pastando num terreno vazio perto de algumas casas. Então a soltei e a trouxe para a cadeia. Martins deu a volta até a frente, para ver se haveria possibilidade de afastar o guarda da porta a fim de que não desse tempo para ele atirar.

Tudo correu bem. Esperamos somente alguns minutos quando houve uma confusão alguns quarteirões para cima – alguém estava gritando.

O guarda levantou-se da cadeira e andou vagarosamente em direção ao barulho. Martins me fez sinal e eu cheguei o nó da corda que estava no pescoço da égua, enquanto Cruz checava a outra ponta amarrada às grades. Dei um tapa na égua, que deu um pulo para frente, mas a corda não cedeu e nem a janela cedeu. “Mais força, Estêvão”, disse Cruz, baixinho.

Tentamos novamente. Martins e eu puxávamos junto com a égua do lado de fora e Cruz e os outros empurravam de dentro. Ouvimos um barulho de cimento quebrando e fizemos mais força. De repente, a grade se soltou e caiu no barro, debaixo da janela. Os três prisioneiros saíram rapidamente pelo buraco.

Martins olhou em volta, mas o guarda ainda estava observando a confusão na rua e não tinha ouvido nada.

“Corram, homens”, disse Cruz. “Ele pode voltar e olhar lá dentro”. Descemos correndo pela rua escura,

enquanto falava com Cruz sobre o barco. “Jaime e eu vamos usá-lo para voltar ao Relâmpago Negro, enquanto vocês três nos esperam na mata. Nós voltaremos para pegá-los bem rápido”, ele disse.

“Senhor Cruz”, acrescentei, “e Cláudio?”

“Este é o problema”, ele respondeu. “Temos que agir rapidamente. Eles o levaram para Manaus num barco grande hoje à tarde. Temos que ir atrás deles e salvá-lo”.

Alcançamos o rio e eu mostrei o barco para Cruz e falei-lhe da minha promessa em devolvê-lo. Descrevi o barracão e ele disse que o deixaria lá na volta. Ele e Jaime entraram no barco e saíram. Naquele instante, ouvimos um tiro e muita gritaria vindos da aldeia.

“Devem ter descoberto que fugimos”, disse Cruz. Ele apontou para uma mata pequena à beira do rio e a certa distância da aldeia. “Esperem aqui e estaremos de volta em cerca de 30 minutos para pegar vocês. E, por favor, fiquem fora da vista dos guardas”. Então ele e Jaime foram rio acima, remando com toda força. Ao ouvirmos os gritos, chegando mais perto, não perdemos tempo e nos escondemos.

.oOo.

16

## **LIBERTANDO O COMPANHEIRO**

O grupo de busca nos apertou por alguns minutos. Do nosso esconderijo os vimos procurando pela grama alta, chegando cada vez mais perto de onde nós estávamos. Num determinado momento, nem ousávamos nos mexer, com medo de chamar a atenção com algum barulhinho. Eles chegaram tão perto de nós que, se eu tivesse estendido a mão, teria tocado neles. Finalmente, voltaram para tentar o outro lado da aldeia. E era

exatamente isto que eu queria que eles fizessem, para dar chance de Cruz chegar para nos apanhar.

Esperamos o que para nós pareciam algumas centenas de anos e, então, percebemos alguma coisa descendo o rio. As estrelas davam um pouco de iluminação e parecia que estávamos vendo o Relâmpago Negro com os motores desligados, bem perto da margem, sob a sombra da mata na água. Dentro de cinco minutos tínhamos certeza que era Cruz. Olhamos em volta para ver se o caminho estava livre e saímos do nosso esconderijo para dar sinal.

Em pouco tempo, estávamos a bordo. “Nós estivemos com os motores desligados”, disse Cruz, “mas agora temos que ligá-los e correr o risco de sermos alvejados. Não podemos passar pela aldeia à deriva”.

Rondon apertou o botão de ligar os motores e eles, com o som amortecido, entraram em funcionamento. Cruz acelerou, o barco se levantou nos seus esquis e fomos em direção ao meio do rio. Ouvimos alguns gritos na aldeia e então nada mais, exceto o barulho dos motores.

Cruz passou o controle para Martins com instruções para que ele descesse rio abaixo no centro do rio e se voltou para Rondon e para mim. “Agora, Jaime e Estêvão, vamos tomar algumas decisões. O barco que levou Cláudio estava saindo quando nós chegamos. E nós não pudemos fazer nada, especialmente quando a polícia nos prendeu e não nos deu chance de escapar. Disseram-nos que teríamos que esperar que o chefe voltasse de levar Cláudio para Manaus. Jaime e eu já conversamos e cremos que podemos abordar o barco da mesma forma que fazíamos nos velhos dias de pirataria”.

“Quanto tempo o barco que leva Cláudio vai levar para chegar a Manaus?”, perguntei.

“Cerca de 24 horas daqui, Estêvão; portanto teremos que alcança-los e abordá-lo o mais rápido possível”.

“Mas nós vamos mostrar as armas ou dominá-los, senhor Cruz?”, perguntou Rondon.

Cruz sorriu. “Escutem. Nós vamos fazer o que nem pensávamos fazer quando atacávamos os barcos para

pegar seu carregamento. Nós vamos 'blefar' com este grupo. Vestiremos nossos uniformes pretos, vamos circular em torno do barco e ordenar que parem. Vamos tentar pegar Cláudio sem armas, usando apenas o elemento surpresa”.

Uma enorme lua surgiu e o Relâmpago Negro navegava rio abaixo por sobre um reflexo prateado nas ondas causadas pelo próprio barco. Durante três horas seguimos o provável curso de nossa presa enquanto Cruz checava ansiosamente o relógio. O Relâmpago Negro era uma sombra veloz na face do maior rio do mundo.

“Lá está, senhor Cruz!” Jaime tinha visto o barco bem lá na frente, pelas luzinhas vermelhas e verdes que balançavam. Imediatamente, Cruz assumiu o controle e diminuiu a velocidade. “Vistam seus uniformes do Relâmpago Negro e estejam preparados para pular a bordo do barco comigo. Martins, fique pertinho do outro. Estêvão, Rondon e Pedro, fiquem prontos para me seguir da escotilha para o barco deles”.

Rapidamente vestimos os uniformes pretos dos tripulantes do Relâmpago Negro... Cruz curvou a cabeça. Seus lábios se moviam silenciosamente e eu sabia que ele estava orando. Então ele acelerou os motores e o Relâmpago Negro se levantou nos seus esquis. Foi até engraçada a maneira como ultrapassamos o barco. Cruz passou com alta velocidade e deu a volta umas duas vezes. Podíamos ver as figuras amedrontadas, correndo para cima e para baixo, procurando abrigo. Cruz diminuiu a velocidade e abriu a escotilha. “Olá, vocês do barco. Desliguem seus motores. Nós vamos abordar vocês. Não faremos mal a ninguém”.

Imediatamente, os motores foram desligados e o barco balançava na correnteza. Cruz chegou o Relâmpago Negro bem perto e, passando os controles para Martins, ele foi à nossa frente por cima das laterais do barco.

Tudo funcionou como Cruz achou que funcionaria. O chefe de polícia estava lá. Ele não era covarde, mas podíamos ver que ele estava aturdido com aquele estranho acontecimento. O capitão estava de pé com três

da tripulação por trás dele, enquanto que todos os outros tinham desaparecido.

Cruz usou sua tremenda voz em seu volume mais alto. “Senhor Chefe, queremos o homem que o senhor está levando para Manaus”.

“Mas... mas... ele é meu prisioneiro”, respondeu nervosamente o oficial.

“O senhor é culpado de prender um homem inocente”, disse Cruz. “Nós queremos que os senhores o soltem”.

“Mas ele parece ser um operador de contrabando”.

“Os senhores acharam contrabando em seu barco?”, perguntou Cruz.

O chefe tentou pegar a sua arma, mas uma vez mais a reação imediata de Cruz nos salvou de maior confusão. Ele simplesmente deu um golpe de sua pesadíssima mão nos dedos do homem. Este gemeu e segurou seus dedos doloridos. “Tudo bem”, disse ele com dificuldade. “Vocês podem levá-lo, mas eu vou relatar isto às autoridades de Manaus e vocês vão ter problemas”.

“O senhor terá que acreditar na minha palavra”, disse Cruz. “Nós somos homens honestos e só queremos que um amigo nosso, que também é honesto, seja solto e nada mais”.

“Agora sei quem você é”, disse o chefe. “Já ouvi falar de você há algum tempo atrás. Você é o pirata que atacava os barcos, navegando pelo rio. Como você pode dizer que é honesto?”

Cruz ficou impaciente. “Eu não vou discutir com o senhor; não tenho tempo. Basta dizer que, se o senhor saberia que eu realmente atacava barcos no início. Na minha ignorância e falta de discernimento espiritual, eu achava que estava agindo corretamente, vingando o mal feito ao meu povo. Mas então este jovem aqui me ensinou a respeito de aceitar a Cristo como sacrifício pelos meus pecados. Eu fiz isto e meus atos foram perdoados. Eu paguei por tudo o que peguei dos barcos e fui totalmente perdoado pelo governador do Amazonas. Portanto, sou livre e novamente um homem honesto, o que creio que o senhor também é”. Cruz fez um movimento com a mão.

“Vamos, entreguem-nos o senhor Cláudio e iremos embora”.

O oficial fez sinal a um dos homens para trazer o prisioneiro. Em poucos segundos, uma cabine foi destrancada e o homem foi trazido. Cláudio estava sorrindo. “Eu sabia que vocês me ajudariam”, disse ele reconhecidamente.

Cruz se voltou novamente para o chefe. “Obrigado por sua cooperação e lembre-se: Faça um relatório a nosso respeito se for necessário, mas este homem não trouxe nenhum contrabando e nem é criminoso. Adeus a todos”.

Cruz voltou para o Relâmpago Negro, virando as costas corajosamente a um possível tiro do chefe. Em um minuto, estávamos todos seguros a bordo do Relâmpago Negro e partimos.

No caminho de volta a Esperança, Cruz deu um grande suspiro. “Ahhh, não é bom conseguirmos facilmente o que queremos?” Então deu uma longa gargalhada. “Senhor Jaime, lembra-se dos velhos tempos? Quando tínhamos bombas de gás e usávamos os punhos e até mesmo ameaçávamos com armas a fim de que pudéssemos levar o que queríamos? Na verdade, a maneira de Deus é melhor e, como estamos do lado certo, Ele nos ajudará”.

“Não seria melhor navegarmos durante umas duas horas e, então, nos escondermos durante o dia?”, sugeriu Rondon.

“Certo, Rondon. Sinto a necessidade de um pequeno descanso. Assim que amanhecer o dia acharemos um bom lugar e vamos descansar e pescar para relaxarmos até a tardinha”. Então, ele se voltou para Martins. “Martins, por favor, mande um recado pelo rádio de que nossa missão foi bem sucedida e que devemos estar de volta lá pela meia noite. Explique que teremos que nos esconder até o anoitecer”.

Martins foi fazer contacto com Esperança enquanto Cruz e Rondon se preocupavam com as manobras do aerobarco em ouvir a história da captura de Cláudio. Já sabíamos de quase tudo, mas ele disse que o

contrabando de café e cacau tinha aumentado e a polícia estava tentando exterminá-lo. Ele foi considerado suspeito por ser estranho com um barco veloz e sua recusa em dizer onde morava piorou a situação.

“Há realmente contrabando de café aqui?”, perguntei então a Cruz.

Ele sorriu. “Sim, Estêvão, há. O Brasil tem o melhor café do mundo, mas, de uma forma ou de outra, sempre há falta em alguma região. Os controles de preço são uma parte da razão e seu transporte ilegal acontece sempre”.

Finalmente, os primeiros sinais do amanhecer atingiram o céu de um tom vermelho cada vez mais forte. As estrelas começavam a perder seu brilho e o contorno negro nas margens do rio começava a ficar verde.

Cruz olhou com cuidado para as margens a fim de ver onde estávamos exatamente neste imenso Rio Amazonas. Em seguida, satisfeito, virou o aerobarco para a margem sul. Ao chegarmos a ela, ficamos à procura de um afluente entre os muitos que há nesta região. Finalmente, encontramos um que pareceu não ter cabanas por perto.

Com cuidado, Cruz manobrou o barco e olhou para todos os lados. Era um lugar ideal e Martins pulou para a margem e amarrou o cabo a uma pequena árvore. Em seguida, todos fomos dormir. Cruz deixou Cláudio como vigia, pois ele disse que ele estava tão contente de estar livre que não conseguiria dormir. Eu deitei num colchão de ar e dormi quase que imediatamente.

Acordei lá pelas onze horas. O sol estava alto e infiltrando-se atrás das árvores. Somente Martins e eu estávamos ainda no Relâmpago Negro. Bocejei, espreguicei-me e fiquei de pé para ver onde os outros estavam. Cláudio e Pedro estavam tentando sua sorte numa pescaria, enquanto que, um pouco mais acima, Cruz e Rondon estavam nadando na água fresca. Cruz olhou para o barco e me viu na janela da cabine. “Estêvão, venha, a água está uma delícia!”

Não perdi tempo e, num minuto, estava nadando com os outros. Ficamos umas duas horas na água,

relaxando-nos das tensões pelas quais tínhamos passado. “Ah, é bom poder fazer isto de vez em quando, Estêvão”, disse Cruz. “Comunicamos com a cidade e nos disseram que tudo está bem, sem nenhuma novidade. Eles estão nos esperando hoje à noite; portanto, podemos ficar tranquilos”.

“Tenho uma ideia, senhor Cruz”, disse Jaime. “Que tal pedirmos ao senhor Estêvão que nos dê um bom estudo bíblico após o almoço? Afinal de contas, esta é sua especialidade”.

“Ótima ideia, Jaime. Ainda não ouvimos muito de Estêvão e este é o motivo ou pelo menos um dos motivos pelos quais o chamamos aqui”.

A geladeira do barco estava bem suprida com carne e outras coisas. Preparamos uma fogueira e fizemos um churrasco e também assamos os peixes que Cláudio e Pedro pescaram. Tivemos uma demonstração da melhor cozinha masculina sem nenhum rodeio. O melhor molho para a comida é o exercício ao ar livre e nós comemos até não poder mais. Martins e Pedro guardaram tudo até a hora do jantar, eu peguei minha Bíblia e tivemos um estudo informal.

Uma coisa que sempre me impressionou no Amazonas é a imensa variedade de serres viventes. Usei isto como ponto de partida para um estudo sobre a Criação, começando com os três primeiros capítulos de Gênesis. “O senhor já estudou a teoria da evolução, não senhor Cruz?”, eu perguntei.

“Sim, eu já li bastante sobre isto, Estêvão”, ele respondeu.

“Bem, como os senhores sabem e simplificando tudo, ela ensina o seguinte: O mundo é resultado de um acidente e de um desenvolvimento lento durante milhões de anos. Mas isto é totalmente o oposto daquilo que vemos na Palavra de Deus”. Abri minha Bíblia no primeiro capítulo de Gênesis e li: “*No início criou Deus os céus e a terra*”.

Apontei para o imenso aerobarco. “Um homem que insistisse que uma peça maravilhosa como Relâmpago

Negro é obra do acaso seria taxado de tolo. Vocês sabem que é o resultado direto de um bom planejamento.

“E aqui temos um corpo humano, mil vezes mais complexo do que um aerobarco e os homens insistem que surgiu por acaso. O homem de mente aberta vê claramente que há um planejamento em tudo isto. E vamos olhar ao nosso redor nesta imensa floresta. O projeto, a beleza, a forma, a organização desse mundo – como poderia ser fruto de outra coisa a não ser de uma CRIAÇÃO?”

“Você tem razão, Estêvão”, disse Cruz. “Quando eu morava em cidade rodeada de outras cidades, rodeado pelas obras do homem, eu achava fácil imaginar que acreditava na evolução. Mas, quando voltei ao Amazonas, minha mente foi forçada a considerar o grande Criador de tudo, desde as estrelas ao inseto mais comum.

“É assim que eu creio também”, continuei. “Vemos aqui que Deus criou o homem e depois a mulher, tornando-os seres morais com uma alma eterna e capacidade de escolha. Vemos no capítulo três que o homem pecou contra o mandamento de Deus e, desde esse momento, seus descendentes têm sido problemáticos, descambando mais para o errado do que para o certo; na realidade, somos incapazes de fazer qualquer coisa de bom diante de Deus”.

“Certo, Estêvão”, disse Jaime. “Eu sempre me preocupo com o fato de que é tão difícil agir corretamente e tão fácil fazer o que é errado”.

“Bem, Jaime, esta é a herança de todos os filhos de Adão. Mas Deus sabia que iríamos fazer isso; portanto, ele planejou a nossa salvação. Na realidade, os sacrifícios e ofertas pelos pecados eram apenas figuras de Cristo. Cristo, como o Filho de Deus e totalmente sem pecado, se tornou o nosso substituto verdadeiro e se nós O aceitarmos como nosso Senhor e Redentor então Deus promete que nossos pecados estão resgatados e Ele pode limpar nossos corações e nos preparar para habitar no céu, que é um lugar sem pecado e sem nenhum problema”.

“Sinto-me feliz por estar crendo em Cristo”, disse Martins. “Quero ver o dia em que não serei tentado pelo pecado”.

Eu concordei com ele. “E este é um verdadeiro sinal de se estar bem com Deus, não é? Antes de aceitar a Cristo como meu Salvador, eu gostava de pecar. Agora, só quero fugir disto.

“Mas vamos voltar ao nosso ponto principal. Podemos confiar na criação de Deus e em Sua proteção para com o Universo até o fim. A teoria da evolução está sendo continuamente questionada pela incapacidade de se provar o seu ponto principal como, por exemplo, a imutabilidade da ameba após milhares de gerações. Ela permanece a mesma criatura básica, como as outras criaturas. Os gafanhotos existem há muitos anos e os que foram preservados em geleiras têm exatamente a mesma aparência que os existentes hoje”.

“Não existem muitos cientistas que apoiam esta teoria, Estêvão?”, perguntou Cruz.

“Sim, mas também muitos não concordam com ela. O Dr. Albert Fleischman disse: A teoria darwinista não tem um único fato que possa confirmá-la no reino da natureza. Não é o resultado de pesquisa científica, mas puramente o produto da imaginação... E nós poderíamos citar muitos outros também”.

Jaime disse: “Para dizer a verdade, eu estou satisfeito de termos um Criador e, mesmo não sendo cientista, através de minhas próprias observações, posso constatar isto”.

Daí passamos a outros assuntos e, quando percebemos, o sol já se estava pondo. Pulamos no rio para uma última nadada e nos preparamos para o jantar. Depois tomamos café e compartilhamos alguns momentos de descontração. Finalmente, Cruz olhou para seu relógio. “Já são oito horas, homens. Vamos partir”. Levantamo-nos depressa, ansiosos por estar a caminho, e colocamos o equipamento rapidamente no Relâmpago Negro. Em seguida, após uma palavra de oração, apagamos o fogo e subimos no barco. Cruz ligou os motores após uma observação cautelosa dos arredores e

saímos vagarosamente sobre as águas escuras do Amazonas.

Minutos depois, estávamos navegando livremente e passando por uma das partes mais largas do rio. De repente, Jaime apontou à frente. “Senhor Cruz, o que aquilo?”

A nossa direita, havia uma sombra comprida dirigindo-se também rio acima. Ao chegarmos mais perto, eu gritei: “Senhor Cruz, é a baleia! A baleia verde!” Eu podia vê-la claramente agora à luz das estrelas e de uma maneira que não a tinha visto da outra vez entre a neblina. Era uma coisa comprida com o formato de um charuto e com uma saliência na parte de cima.

Cruz ficou com os olhos fixos nela. “Não é uma baleia, Estêvão”, ele disse. “É um submarino – talvez atômico. Está vendo como quase não tem torre, a fim de poder navegar na superfície sem ser visto aqui no Amazonas”

“O que faremos, senhor Cruz?”, perguntou Jaime.

“Vamos chegar mais perto para ver”, disse Cruz. “Eu sei que isto está ligado com Sardov, com Raposo e os outros. Se pudéssemos capturá-lo talvez pudéssemos desvendar todo este mistério aqui e agora”.

Mas como que em resposta, o submarino mergulhou, provocando uma espuma sobre as águas. Em questão de um minuto, ele estava no fundo.

Cruz ziguezagueou várias vezes para evitar possíveis torpedos. “Ele está fora de nosso alcance agora”, disse Cruz. “Não podemos fazer nada a não ser voltar para casa e talvez pegá-lo lá. Ele deve ter um radar ou coisa semelhante”. Cruz olhou para mim. “Essa é uma baleia que eu certamente gostaria de pescar”.

“Quem sabe ainda teremos a chance, senhor Cruz”, disse Jaime.

**.oOo.**

## A LUTA

À luz brilhante da lua podiam ver-se as centenas de pessoas que tinham vindo assistir nossa chegada. Enquanto o Relâmpago Negro diminuía sua velocidade e atracava no seu devido lugar, gritos eufóricos soavam pela noite. Eu me lembrei que já se passara muito tempo desde que Cruz voltava de seus ataques no Amazonas.

Agora ele estava trazendo de volta da prisão um dos jovens mais queridos da cidade. Era fácil entender o entusiasmo. Repórteres do jornal de Esperança usavam seus “flashes” para obter algumas fotos e tentavam falar com Cruz e Cláudio. A notícia sairia na manhã seguinte para que todos conhecessem os detalhes.

No meio da multidão estavam a Senhora Cruz, Bete e Carlos, o filho de Cruz – já um rapaz alto, com aparência de estudioso e inclinações para a medicina. Era interessante notar como Carlos não se importava com a vida de aventuras, mas preferia ficar com seu microscópio e seus livros. Já se dizia que havia feito algumas descobertas importante, apesar de ser tão jovem.

Bete chegou até mim timidamente. “Estamos felizes em tê-lo de volta, Estêvão”.

“Acredite, nós é que estamos felizes em estar de volta. Tudo parecia meio problemático por algum tempo. Até vimos um...”

Cruz me fixou os olhos. Ele estava meneando a cabeça e me advertindo a não falar muito. Parece que Bete não percebeu a frase incompleta e estava convidando-me para tomar café em sua casa. Apesar da hora avançada, eu concordei e juntamente com a família Cruz e Jaime, andamos até a rua onde os carros elétricos nos esperavam. Fomos então levados pelas estradas arborizadas até chegarmos à casa.

Passamos um tempo agradável em comunhão, tomando um cafezinho quente e comendo bolo. Cruz me

bateu nas costas. “Imagino que você gostaria de dormir, Estêvão. Lembre-se que você tem um compromisso com o índio depois de amanhã e é bom você estar bem descansado para isto”.

Entendi a indireta e me levantei para ir embora. Bete me levou ao portão. “Você ainda não mudou com relação ao que lhe pedi?”, perguntei.

Ela fez sinal com a cabeça. “Desculpe, Estêvão. Gostaria imensamente de poder dizer sim, mas devemos fazer algum sacrifício na vida... e... eu creio que este seja o meu. Boa noite”.

Senti-me frustrado e triste. É claro que eu acreditava em sacrifícios e propósitos nobres, mas eu simplesmente não queria ver estas qualidades em Bete neste caso. Resolvi que não diria nada a Cruz.

Contemplei Bete entrar em sua casa e então segui para a minha cabana. Depois de me preparar para a cama, ajoelhei-me para orar e agradecer a Deus por nos ter ajudado. Em seguida, pedi Sua bênção sobre a luta com o índio, dizendo que as circunstâncias não tinham sido criadas por mim e pedindo que Ele me ajudasse a fazer o melhor possível.

Também coloquei nas mãos de Deus o problema de Bete, pedindo que Ele nos concedesse sabedoria e que ela talvez mudasse de ideia. Então fui para a cama, mas, apesar do cansaço, eu simplesmente não podia dormir. Horas se passaram até que finalmente adormeci e daí só acordei às nove da manhã!

O chamado do intercomunicador me acordou; eu sabia que seria Cruz e peguei o interfone. “Estêvão”, disse Cruz, “pegue sua bicicleta e venha tomar café. Tenho algumas coisas para discutir com você”.

“Tudo bem, irei já”. Eu não precisava de um segundo convite para ir ao lugar onde Bete estava. Em dez minutos tinha tomado banho e estava a caminho da casa de Cruz. Tomamos nosso café sem pressa e Cruz finalmente, olhando à sua volta e vendo que estávamos sozinhos, disse: “Escute, Estêvão, recebi uma mensagem de um dos nossos vigias na floresta de que alguém tentou penetrar na área durante a festa de nossa chegada. Eles

não pegaram a pessoa e talvez tenha sido um índio. Mas, Estêvão, estou com medo de deixar esta situação continuar sem tomar uma atitude. Se nós não tomarmos a iniciativa com relação àquele grupo estranho, eles poderão nos arruinar, sabendo onde estamos. Depois de sua luta com o índio, vamos planejar alguma coisa definitiva”. Ele suspirou: “Esta é uma das coisas mais difíceis que já tive de encarar, principalmente porque não sei o que teremos de enfrentar”.

“Concordo, senhor Cruz”, eu disse. “Sinto que alguma coisa deve ser feita já, principalmente quando sabemos que Sardov e Raposo estão envolvidos no caso”.

“Tudo bem, Estêvão”, sorriu Cruz. “Você derrota o índio e então vamos centralizar nossa atenção em como entrar em ação contra eles”. Ele fez um sinal de silêncio. “Mas lembre-se que o silêncio é imprescindível nesse tipo de coisa”.

Eu fiquei envergonhado, lembrando de como eu quase contara o episódio do submarino.

“Bem, hoje estamos de folga e eu sugiro um piquenique. Você vai descansar e eu o chamarei quando estivermos prontos. A Bete faz um bolo delicioso”, disse ele, dando-me uma piscada.

Eu sorri. Cruz me aceitaria como genro, mas pouco ele sabia de minhas chances.

Cruz tinha trazido alguns da cidade e a fila de carros elétricos e de bicicletas formava um pequeno desfile enquanto íamos pela estrada fora no dia seguinte. Os índios não tinham esquecido a data e um grupo impaciente estava à nossa espera, inclusive meu inimigo. Ele me lançou um sorriso cheio de confiança, embora não houvesse humor nenhum nos seus olhos amendoados.

O povo tinha formado um círculo para a luta, e Cruz, os outros e eu fomos bem recebidos. Por fora, eu aparentava grande confiança, mas, por dentro, tremia nervosamente. Eu continuava acreditando que esta luta era mais séria do que se pensava e sonhava com outro meio de fazer uma disputa.

O índio agora estava abanando os braços e fazendo sinais ao sol e às nuvens, enquanto emitia alguns sons

monótonos. Ficou bem claro que ele estava atribuindo sua força à natureza. Eu simplesmente inclinei minha cabeça e mais uma vez pedi a Deus para considerar minha necessidade e me fortalecer como fosse necessário.

Entramos no círculo e os índios começaram a cantar e a torcer pelo seu campeão. Sendo amigos de Cruz, eles não eram meus inimigos, mas os laços de sangue são mais fortes e eles consideravam o índio estranho como sendo um deles.

Meu coração batia forte no meu peito enquanto andávamos em círculo cautelosamente. Tentei agarrar o pulso do índio, mas ele conseguiu tirar a mão e eu errei. O grupo observador riu bem alto. Novamente tentei pegar seu braço e desta vez consegui. Ele veio com o outro braço para se defender e novamente eu vi o estranho anel com seu curioso emblema. Eu me esforçava para derrubá-lo. De repente, ele fez um movimento e eu saí voando pelo ar como uma gaivota.

“Judô!”, foi o que eu pensei naquele instante, mesmo antes de chegar ao chão. Automaticamente, eu rolei quando caí no chão e fiquei de pé humilhado, enquanto os índios riam para valer e gritavam encorajando seu companheiro. Eu vi Cruz de relance e a expressão de seu rosto era de surpresa total.

Desta vez eu corri de encontro ao índio, coisa que não deveria ter feito nunca, para tentar pegá-lo. Ele deu um passo de lado e na hora exata me pegou pelo braço; aproveitou minha velocidade e me mandou pelos ares. Houve a maior confusão entre os índios, enquanto rolava e novamente ficava de pé. O sangue batia em minhas veias, mas eu consegui raciocinar o seguinte: Eu estava lutando com um especialista treinado em judô.

Desta vez, consegui agarrá-lo por baixo, mas aconteceu a mesma coisa novamente e caí de cheio, rolando pelo chão.

Nesse momento, percebi dois rostos. O de Cruz, com um olhar horrorizado, e o do índio, um pouco confuso. Três vezes ele já tinha-me jogado e eu estava imediatamente de pé, pronto para um novo ataque. Ele estava perdendo a confiança.

Mas eu sabia que não podia continuar levando aqueles tombos por muito tempo. Eu tinha que tomar a ofensiva. Naquele instante, lembrei-me do rapaz cristão que tinha ganho a medalha de ouro nas Olimpíadas, usando um arremesso. Resolvi tentar, pelo menos não perderia nada.

O índio estava pronto para me atacar novamente. Dei uns dois passos vagarosos para tapeá-lo e então, de repente, eu ataquei com toda a minha força. Minhas pernas tremiam ao me lançar para a frente com toda a rapidez possível. Trombei nele com tanta força que o atirei para trás uns três metros, de encontro a um grupo de índios que assistiam. Ele caiu no chão e eu, por cima dele. Então fiquei de pé e ele tentou sentar-se, segurando seu estômago, meio sufocado e fazendo barulhos estranhos. De repente, ele caiu desmaiado.

Seguiu-se um solene silêncio quando os índios viram seu campeão derrotado. Mas, como tudo tendo sido feito de justiça, se agruparam à minha volta com gritos de parabéns. Cruz e os homens me batiam nas costas, cumprimentando-me.

O índio estranho estava voltando a si. Seu rosto mostrou primeiramente um olhar meio vazio, seguido de uma carranca de ódio, ao perceber que tinha sido vencido. Num instante, ele estava de pé, vindo em minha direção, ansioso para continuar a luta. Mas nesse ponto, o chefe índio o segurou e lhe disse claramente que ele tinha perdido a luta e que seria melhor se retirar da aldeia. Todos os guerreiros do chefe concordaram com ele.

O índio ia se retirando, mas olhou para trás. Acho que eu nunca tinha visto um olhar tão carregado de ódio e de ameaça. Instintivamente, eu sabia que teríamos mais problemas pela frente.

Com um grito alto e movimentando seus punhos fechados, o estranho saiu da vila e se embrenhou na floresta escura.

**.oOo.**

## RAPTADA

Fui chamado ao escritório de Cruz. Abri a porta e encontrei-o estudando um livro de aparelhos eletrônicos. “Correio, Estêvão”, ele sorriu. “Um de nossos homens voltou ontem à noite e trouxe estas cartas”.

Ele me indicou uma cadeira. “Fique à vontade, Estêvão. Eu estou no meio de um probleminha e preciso de mais alguns minutos para solucioná-lo”.

Abri duas cartas endereçadas a uma Caixa Postal em Manaus. Uma delas eu li imediatamente, para saber notícias da família. Papai e mamãe estavam bem e diziam que estavam orando diariamente por mim. Eu tinha muita fé em suas orações e tinha certeza que elas tinham me amparado em muitas situações difíceis.

Ao pegar a segunda carta, eu não sabia o transtorno emocional que ela me traria. Era do meu amigo chinês David Kahn. Abri o envelope e dei uma rápida olhada na carta. Após alguns comentários gerais, ele respondeu à pergunta que lhe fizera a respeito do anel que tinha visto no dedo do índio.

“Estêvão, em relação ao emblema que você desenhou na realidade é um caráter chinês, que quer dizer: ‘matar’”. Eu pulei da cadeira como um foguete. “Senhor Cruz, olhe aqui”. Eu balançava a carta diante de seus olhos.

Cruz me olhou como se eu tivesse ficado louco. “O que você quer dizer, Estêvão?”

“Olhe o que diz aqui a respeito do caráter chinês ‘Matar’. Escute, aquele índio não é um índio de verdade. Ele é chinês. O anel, o judô, sua aparência e sua atitude... Ele só pode ser um chinês!”

Cruz se levantou da cadeira. “Estêvão, você tem razão. É claro que tem e isto explica tudo”.

Cruz apertou um botão. “Cruz chamando todos os membros da Segurança! Reunião imediata no escritório central”. Ele desligou o interfone. “Estêvão, isto poderia significar uma porção de coisas e temos que fazer o possível para capturar aquele índio. Ah, enquanto estou lembrando, você recorda aquele incidente da árvore que caiu e quase nos pegou no Relâmpago Negro?”

“Sim, e daí?”

“Aqueles que examinaram o local disseram que não tinham certeza absoluta, mas algumas marcas pareciam indicar que a árvore tinha sido empurrada. Será que seu amigo estava envolvido nisso?”

Em menos de vinte minutos um grupo de homens sérios estava ouvindo a palestra de Cruz sobre os últimos acontecimentos. “Preciso contar a vocês alguma coisa que poucos de nós conhecemos. Estamos sob possível ataque de um grupo de estrangeiros localizados aqui perto. Quero que não contem a ninguém até o momento oportuno de dizermos ao nosso povo. Mas com a descoberta relacionada com este índio, que agora temos certeza ser um chinês, precisamos agir já!”

“Faremos planos para vigiar o acampamento do inimigo. A sua ameaça à nossa cidade tem de ser eliminada, sem pensar no custo, até mesmo de nossas vidas.

“Rondon, você vai organizar uma busca sistemática na floresta, principalmente na região da aldeia dos índios. Outros de nós vamos planejar a invasão e como ela será conduzida. Mas, acima de tudo, por favor, estejam todos em lugares onde possamos entrar em contacto imediato com vocês. Preparem as armas disponíveis para combate a qualquer momento”.

Cruz se levantou e curvou a cabeça. “Pai Onipotente, ouve nossa oração. Concede-nos paz neste pequeno lugar. Faze com que de alguma forma nossos inimigos possam encontrar a salvação eterna no Senhor Jesus Cristo. Pai amado, ajuda-nos para que não haja mortes causadas por nossas mãos. Dá-nos sabedoria neste momento importante. É o que pedimos em nome do Senhor Jesus. Amém”.

Parte desta oração de Cruz seria respondida de uma maneira realmente estranha.

Ficamos vendo cada um sair para cuidar de sua tarefa. Não havia mais alegria, pois a vida em Esperança tinha se tornado um sério problema de existência.

Cruz e eu sentamo-nos em seu escritório e ele me mostrou alguns papéis. “Olhe aqui, Estêvão. Tenho feito vários cálculos a respeito do tipo de ataque que poderíamos empreender. Eu penso que a combinação de um ataque pela frente, ao mesmo tempo que um ataque de surpresa por trás, poderia dar resultado. Vou levar Rondon, você e eu no Relâmpago Negro. Em seguida, um grupo de homens escolhidos entrará por trás, no acampamento. E então, com equipamento de som, eu tentarei fazer um acordo”. Ele deu uma chacoalhada de ombros. “Se eles se renderem, muito bem. Mas se lutarem, não temos escolha a não ser lutar pela causa da justiça”.

“Como o senhor pensa tentar negociar com eles?”, lhe perguntei.

“Pelo rádio, Estêvão. Se eu ameaçar explodir suas instalações, talvez eles ouçam e não queiram lutar. Mas tenho que confessar: serei cuidadoso, pois tenho horror a mortes desnecessárias. Nunca matei ninguém desde a guerra quando eu era um piloto de avião de combate e espero nunca mais ter que fazê-lo.

“Então, Estêvão, vamos discutir possíveis variações destes planos à luz do que sabemos sobre seu acampamento e...”

A campainha nos interrompeu.

Cruz resmungou: “O que será? Eu dei ordens para não ser interrompido desnecessariamente”. Ele apertou o botão do interfone. “Sim?”

“A senhora Cruz está aqui... é urgente”, disse uma voz agitada.

“Mande-a entrar”.

A porta se abriu de um vez. A senhora Cruz, uma mulher bonita, parecia outra pessoa – seu rosto estava envelhecido de preocupação. “Ah que horror! A Bete

desapareceu e não podemos encontrá-la em lugar nenhum!”

“Mas onde ela foi?”

“Ela foi somente dar uma volta perto da casa e agora sumiu. Foi aquele índio... Eu sei que foi!”

.oOo.

## 19

### A EXPEDIÇÃO

Era um grupo bastante desanimado aquele que estava na casa de Cruz. Não achamos nenhum sinal de Bete, apesar de uma busca de três horas. Cruz parecia dez anos mais velho e a senhora Cruz chorava baixinho.

“Se, ao menos conseguíssemos uma pista, então poderíamos planejar melhor a busca”, disse Rondon.

“É verdade, Jaime”, disse Cruz. “Mas como, se não temos nem um sinal?”

O interfone tocou. Cruz apertou o botão. “Cruz falando”.

“Senhor Cruz, aqui é Martins. Temos um relatório de um dos guardas do rio na seção L-10”.

“Ligue-me com ele, imediatamente”.

“Senhor Cruz, aqui é João Dias. O senhor deu permissão à sua filha para sair? Alguém passou por aqui com ela num barco rápido. Eles não pararam e eu não atirei por medo de acertá-la”.

“Mas por que você não entrou em contacto conosco antes?”

“Eu tentei, mas havia algum problema com o sistema de comunicação. Eu remei uma grande distância até aqui de onde estou falando”.

Cruz sentiu-se aliviado. “João, em que direção eles iam?”

“Na direção do Rio Vista Bonita”.

“Ah, Sim! Em direção ao inimigo. Sem dúvida alguma, é o índio, ou melhor, o chinês. Obrigado, João, agora sabemos o que fazer. Venha aqui, assim que puder”.

Cruz desligou o aparelho e ficou de pé. “Rondon, dê a ordem geral. Vamos imediatamente”. Ele se voltou para mim. “Você vai conosco, Estêvão?”

“Estou à sua disposição”, eu disse. “Afim de contas, tenho um interesse especial nesse caso”.

“Eu sabia que podia contar com você”.

Ele se dirigiu à sua esposa e a beijou carinhosamente. “Não se preocupe, Maria; traremos Bete de volta, sã e salva. Passe seu tempo agora em oração por nós”.

Rondon usou uma saída de comunicação geral e anunciou: “Atenção todo o pessoal de invasão. O plano X entrará em ação imediatamente. Preparem todo o equipamento e os uniformes e estejam prontos dentro de uma hora”.

Cruz e eu pegamos nossos uniformes no almoxarifado central. Eram uma camuflagem excelente para se andar na floresta. Rifles de modelo avançado e armas leves foram entregues a todos. Cada soldado recebeu ordens severas de usá-las somente quando tudo o mais falhasse. Então trezentos homens escolhidos se apressaram para embarcar junto à beira do lago. Cruz, Jaime, Rondon, Martins e eu, com mais dois membros da tripulação entramos no Relâmpago Negro e os outros em outros barcos a motor. Cruz fez sinal de silêncio, que foi obedecido por todos. De repente, uma banda começou a tocar o Hino de Esperança, enquanto que a bandeira roxo-orquídea era levantada no mastro do Relâmpago Negro. Cruz então me passou o microfone e me pediu para orar, pedindo uma bênção sobre a expedição.

“Nosso Pai Celestial”, eu disse, “nós pedimos a Tua bênção. Entramos neste conflito não por causa de ganho pessoal, mas unicamente por necessidade. Concede-nos que nenhuma vida seja perdida e que tudo vá bem para todos nós. Pedimos em Nome de Jesus. Amém”.

Cruz deu um sinal e o Relâmpago Negro partiu, tendo atrás uma longa fila de barcos, e o povo que nos observava das margens deu um grande “hurra”.

Assim que Cruz confirmou que nossa velocidade podia ser acompanhada pelos outros, ele sentou-se comigo e com Rondon para rever os planos. “A estratégia, então, homens, será como já falamos. Chamaremos a atenção da base estrangeira, enquanto nosso pequeno exército dá a volta por aqui”. Cruz apontou no mapa. “Então vamos torcer para que nossos homens consigam dominar completamente o objetivo, sem nenhuma perda”.

“E Bete?”, eu perguntei.

Cruz nos olhou e disse: “Creio que este seja o melhor plano em relação a ela. Sem dúvida, ela está lá e temos que tirá-la antes de qualquer tiroteio. Acho que você e Jaime devem descer do barco aqui”. Novamente Cruz indicou um lugar no mapa. “Então, com bastante cuidado, vocês vão tentar entrar e encontrá-la”.

“Mas qual a necessidade de um ataque frontal de sua parte?”, indaguei. “Não podia ser tudo em silêncio?”

“Não, Estêvão! Quanto mais eu os distrair, navegando para cá e para lá, em frente do seu acampamento, melhor será para você e para o pequeno exército”.

O tempo passado antes de chegarmos ao lugar determinado pareceu uma eternidade e nossos músculos e nervos se enrijeciam como as cordas de um violão. A floresta passava ao nosso lado numa monotonia sem fim de beleza em tons de verde, mas nós não estávamos a fim de apreciá-la.

Finalmente, Cruz pediu para diminuir a velocidade. “Bem, pessoal, preparem-se”. Em alguns minutos entraremos em ação”. Ele pegou seu “Walkie-talkie”. “Tudo bem, homens, vamos nos separar aqui e por em ação nosso plano já discutido. Boa sorte para todos vocês”.

Diminuímos a velocidade e ficamos vendo os outros barcos entrarem num afluente que levava à parte de trás de nosso objetivo e Cruz começou a contar em seu relógio. “Vai levar uns vinte minutos para chegar na

posição e começar a descarregar os homens. Quando eu ouvir o sinal, também seguiremos.

“Após 23 minutos para chegar na posição e começar a descarregar os homens. Quando eu ouvir o sinal, também seguiremos”.

Após 23 minutos, o rádio de Cruz entrou no ar. “Em posição. Verde 1”.

Cruz virou-se para nós. É agora”. Todos nos cumprimentamos um ao outro com um aperto de mão, fazendo um solene juramento de lutar bem. Cruz abaixou sua cabeça, depois olhou para cima, pegou nos controles e eu vi aquela velha luta brilhar em seus olhos. Eu sabia que era um mau sinal para seus inimigos. O barco se ergueu nos seus esquis. De repente, cortamos por entre algumas plantas aquáticas e fizemos uma curva por detrás da base do foguete. Cruz diminuiu a velocidade do barco.

“Jaime e Estêvão, Deus os guarde. Encontrem Bete, enquanto eu os desafio. Mantenham o “walkie-talkie” ligado o tempo todo. Eu vou relatando meu progresso”.

Ele encostou o barco na margem, subimos e pulamos fora e ficamos olhando enquanto o Relâmpago Negro saía a toda a velocidade para ir diretamente ao acampamento inimigo.

.oOo.

**20**

## **O DESAFIO**

Quando Cruz estava fora de vista, Jaime e eu voltamos nossa atenção à nossa tarefa.

Subimos a margem escorregadia e chagamos finalmente em cima. Caminhando com muito cuidado, tivemos uma ótima visão dos prédios.

Em qual deles estaria Bete?

“Que plano iremos usar, Jaime?”, eu perguntei.

“Estevão, tive uma ideia. Eu vou pela direita e você continua indo por este lado. Assim cobriremos uma área maior e eliminaremos a possibilidade se sermos capturados juntos”.

“Certo, mas venha me encontrar aqui, se surgirem problemas”.

Jaime concordou, fez um sinal de positivo com o dedão e desapareceu por entre a mata como fumaça.

Fui caminhando pela floresta até que cheguei a uma saliência perto do rio, que me dava uma boa vista de todo o acampamento inimigo. Eu estava suficientemente perto para distinguir prédios de concreto de arquitetura chinesa. Então eu vi Cruz, vindo a toda velocidade sobre a água, na direção do acampamento.

Algumas pessoas saíram dos prédios e iam em direção à água para ver quem tinha invadido seu esconderijo. Aproveitando a confusão, eu segurei firme meu rifle e o rádio e corri para bem pertinho dos prédios.

De repente, ouvi uma porta bater e vi Bete sair correndo de uma casa ali perto.

Surpreso, gritei: “Bete, por aqui”. Fiquei abismado de como fora fácil encontrá-la. Ela olhou em minha direção e, com um grito de alegria, correu para mim.

“Ah, Estêvão, eu escapei!” Ela não tinha fôlego e as palavras vinham com interrupções. “Como vocês...?”

“Espere, Bete. Tenho que tirar você daqui. É provável que haja tiroteio”.

“Estêvão, foi horrível! Aquele índio, ele...”

“Mais tarde você me conta, Bete. Ainda estamos em perigo”.

Tínhamos chegado à saliência de onde eu vira Cruz alguns minutos antes e paramos para observar. Eu me lembrei do rádio e o liguei.

“E novamente lhes digo que estou oferecendo-lhes um ultimatum para se renderem”. Era a voz de Cruz. Eu podia ver o Relâmpago Negro navegando vagarosamente a certa distância do porto inimigo.

“Ah, nós sabemos quem são vocês”, disse uma voz que eu tinha certeza era de Sardov. “Nós íamos atacar

primeiro, mas já que vocês estão aqui, pouparemos o tempo. Seria melhor você se render antes que nós façamos explodir esta lata velha”.

Cruz estava insistente. “Escutem, não queremos de forma alguma lutar com vocês. Vocês têm almas imortais que poderão se perder, e nós não queremos isto. Rendam-se, é o que nós imploramos”.

“Bah, que bobeira de religião. Deus não existe e homem nenhum tem alma. Sabemos disto através de nossa doutrina comunista. Vamos dar-lhe mais uma chance para render-se, juntamente com aquela sua cidade, e então resolveremos o que fazer com vocês. Pelo menos, viverão pouco mais.

“Tudo bem. Então, tirem o submarino. Atirem naquele aerobarco e, se não acertarem, usem um torpedo sonar. Vamos ver a reação do Cristão Corajoso diante desta!”

De onde Bete e eu estávamos, podíamos ver o que parecia ser toda a população daquele lugar estranho ali na praia assistindo ao desenrolar da batalha.

A estratégia de Cruz estava funcionando, mas agora comecei a sentir uma estranha sensação de preocupação pela sua segurança. Ele não podia enfrentar aquele submarino sozinho. Estava na hora de nosso pequeno exército entrar em ação.

Um grito horrível partiu dos observadores na praia, enquanto o submarino seguiu em direção ao Relâmpago Negro. Algumas pessoas em cima dele estavam preparando um canhão de modelo estranho. Imediatamente, as bombas eram lançadas em direção ao aerobarco e Cruz tentou defender-se, fazendo círculos e curvas em oito. Era lindo ver o que parecia ser um barco tão desajeitado, se transformar na leveza de um passarinho em suas manobras. Bete batia palmas e eu gritava encorajamento, esquecendo a necessidade de nos mantermos em silêncio.

Agora as bombas pararam por um pouco e os homens pelejavam com o canhão, tentando soltar uma bomba que engastalhou.

Podia ouvir Sardov, que estava no submarino, xingando através do rádio. “Estúpidos Chineses. Vocês não sabem operar um canhão? Então, soltem o torpedo. Eles não conseguirão escapar dele”.

Um segundo depois, um objeto longo e fino saiu do submarino e deixou uma trilha na água. Ao se lançar em enorme velocidade em direção a Cruz. Minha garganta se apertou de medo e meus lábios formularam uma oração silenciosa. Parecia que Cruz não escaparia desta.

Novamente Cruz começou a ziguezaguear para tentar atrapalhar o torpedo. O aerobarco saiu em grande velocidade com o torpedo no seu encaixe. Em linha reta seria fácil para Cruz deixá-lo para trás, mas ele estava preso numa espécie de lagoa e o torpedo precisava de menor distância para alcançá-lo.

“Há! Há! Há!”, gritava Sardov pelo rádio. “Olhem para este tolo. Depois que aquele explosivo o pegar...”

Cruz usou excelentes táticas. Ele deu a impressão de ir para a direita e, após atrair o torpedo naquela direção, ele saiu rapidamente e foi em direção ao submarino. Sardov e os outros nunca esperavam que ele fizesse isto. Cruz passou rapidamente entre o cais e o submarino, sendo alvejado pelos rifles de alguns dos observadores. E agora o submarino estava na mira do torpedo. Horrorizados, nós olhamos, enquanto o submarino explodia numa grande nuvem de fumaça. Logo depois, um armazém de munição ali perto também explodia. As labaredas subiam violentamente em tons de vermelho forte. Levou horas para que o fogo se acalmasse e a fumaça diminuísse. Não havia sinal do submarino, nem dos habitantes e o rádio estava em silêncio absoluto.

Mas Cruz estava salvo. Seu grande barco estava aproximando-se do lado oposto do rio. A voz de Cruz foi ouvida pelo rádio: “Tudo bem, homens. Entrem e certifiquem-se de que pegamos todos”.

Eu me virei para Bete. “Bete, vencemos. Estamos livres deles”.

“Calma, rapaz. Eu ainda estou aqui!”

Eu me virei para ver quem estava falando.

Lá estava o índio, ou melhor, o chinês, que tinha sido nosso inimigo o tempo todo. E ele estava armado de metralhadora.

.oOo.

## 21

### A PERDA DE UM VALENTE

“Bem, senhor Estêvão, você apareceu outra vez para arruinar nossos planos”, disse o chinês, cheio de ódio.

Eu estava abismado de ver como ele falava bem o português. “Afim de contas, quem é você? E o que está fazendo aqui? Onde você aprendeu português?” Eu não conseguia parar de fazer perguntas, apesar de estar tremendo por dentro diante daquela arma ameaçadora apontada para mim.

“Meu amigo Estêvão, você tem uns sete minutos de vida e seria melhor começar a orar Àquele Cristo inexistente de Quem você tanto fala. Ele não pode ajudá-lo e você não consegue alcançar sua arma”.

Ele andou a minha volta cuidadosamente, com sua arma apontada o tempo todo e chutou meu rifle de cima do barranco onde estávamos para dentro da água. Então ele relaxou um pouco. “Mas vou esperar até que seu grande amigo Cruz volte em nossa direção, para que eu possa pegá-lo também. Assim você terá mais alguns minutos de vida. Ele vai pagar caro por destruir meu projeto”.

“Mas não foi Cruz que fez isto, ele...”

“Cale a boca!” Seu grito parecia um chicote cortando o ar.

Eu obedeci e não disse nada.

“Bem, já que você está curioso a respeito de meu passado, eu vou lhe contar um pouco. Fui ensinado por uma destas pessoas bobas. Creio que você é filho de

um... de um missionário. Como um jovem chinês, foi muito fácil conseguir uma boa educação com eles e nem percebia que era um cristão. Como esse homem era tolo! Eu levantava e orava e ele nem percebia que era tudo mentira”. O chinês deu gargalhadas altas, como se estivesse realmente achando graça por este comportamento hipócrita.

“Ele tinha tanto orgulho de mim! Até me chamava de filho! E eu só tinha um objetivo em mente: chegar ao topo. Quando os comunistas chegaram, eu denunciei sua escola e você deveria ter visto a cara dele enquanto eu o acusava diante do tribunal. Eles o mataram e sabe por que? Por causa da minha evidência. Só isso!” Novamente suas gargalhadas ressoaram pela floresta e me fizeram lembrar um gongo chinês.

“É claro que eu não tinha nenhuma acusação formal verdadeira contra ele, mas foi muito fácil inventar. E o partido me recompensou bastante pelos esforços. Eu serei o governador do Brasil Chinês”.

“Brasil Chinês?” Bete e eu repetimos a frase.

“Sim, exatamente isso. É por isso que estamos aqui. Sardov e Raposo eram agentes que nos ajudavam na montagem desta cidade chinesa secreta. Foi até bom que eles morressem na explosão, porque, de qualquer forma, teríamos que matá-los. Se um homem é traidor da sua própria terra, ele será traidor para qualquer outro.

“Nossa Baleia Verde estava trazendo grupos de trabalhadores chineses em cada viagem. Logo teríamos tido uma cidade e um exército armado de mísseis atômicos. Poderíamos lançá-los contra São Paulo e Rio de Janeiro. Ninguém conseguiria tirar-nos desta floresta e, em pouco tempo, teríamos o Brasil todo e a América Latina, antes de seguir para os Estados Unidos, tanto do Alasca como daqui”.

Ele parou de falar. Chegou perto de mim e se afastou novamente. “Nosso povo está crescendo. Temos armas atômicas e logo teremos um bilhão de pessoas... e aí, como é que vocês vão lutar conosco?”

Eu senti um arrepio ao compreender a veracidade de suas palavras. Tendo nós um exército pequeno, seria fácil nos pegar.

O chinês estava divertindo-se às nossas custas e, de vez em quando, olhava na direção de Cruz, que tinha visto alguns de seu exército e estava trazendo-os para a cidade incendiada.

“Sim, fui eu que descobri sua cidade”, ele continuou. “Eu atirei naqueles exploradores do barco e os segui para ver de onde tinham visto. Fui eu que quase acabei com aquele maldito Relâmpago Negro, empurrando a árvore quando vocês iam passando. Fui eu que aprendi a língua da tribo indígena com metade do tempo que Cruz levou para aprendê-la. Eu devia ter dado ordem para a destruição de sua cidade na semana passada como eu tinha planejado, em vez de dar ouvidos ao tolo Sardov”.

“Mas por que você está contando-me tudo isto?”, eu perguntei. “E por que você quer destruir um lugar como Esperança?”

“Por que Esperança está atrapalhando nossos planos. Mas, de qualquer forma, hoje à noite, você e Esperança não existirão mais, pois nosso avião vai passar hoje à meia noite com bombas e ordens diretas para bombardear a cidade”.

Bete empalideceu e eu pensei nas pessoas inocentes daquele lugar feliz, nem suspeitando o horror do que estava para acontecer. Tentei pensar em uma maneira de chegar até o chinês, mas ele estava alerta e tinha-se afastado a uma distância que era impossível tentar alcançar!

“Você não acha que deveria realmente aceitar a Cristo?”, eu disse. “Você sabe que a eternidade não tem fim? Toda a glória que você ganhar agora, não será nada sem Cristo como seu Salvador”.

“Não tente me convencer. Eu vou viver muito anos”, ele respondeu. “Eu arrisco ir para o inferno. Quero glória e riquezas agora e vou consegui-las. Darei sinal ao avião hoje à noite e começaremos um novo projeto. E, desta vez, nem você, nem seus amigos, estarão aqui para impedir”.

Ele se voltou para Bete. “Escute, doçura. Você gostaria de ser a Rainha do Brasil? Se você me aceitar, eu farei de você a mulher mais rica e mais famosa de todo o país. Mas se não...”

Bete ficou branca como a cal. “Não me interessa nada ser alguma coisa com você. Aqui está o homem a quem eu amo”. Ela se chegou perto de mim e me abraçou. “Estêvão é o único ao lado de quem quero ficar”.

O rosto do chinês se contorceu de raiva. “Então você escolheu? Tudo bem. O problema é seu. Vocês dois podem morrer juntos e aí vocês vão ver quanto tempo dura o amor”. Ele levantou a metralhadora e eu vi a morte diante de mim.

Pensei nos anos passados e desejei ter trabalhado mais para Cristo. Tentei não olhar para a metralhadora e levantei os olhos para uma árvore que balançava ligeiramente bem acima de nosso inimigo. E ali, quase que em cima, estava Rondon!

Tive até medo de respirar. Não podia fazer notar sua presença. Olhei para Bete e ela fazia o mesmo. Ela era corajosa como seu pai.

“Então, lá vai”, disse o chinês. “Um... dois...” Rondon pulou. Mas, ao pular, ele teve a má sorte de quebrar o galho. O chinês deu um grito e virou a arma para cima, atirando, ao mesmo tempo que Rondon caía em cima dele. No mesmo instante, eu tentei esconder Bete. Na luta, o chinês estava perdendo o equilíbrio na beira do barranco.

Nesse momento, ele caiu e tentou desesperadamente agarrar as moitas de gramas para se salvar. Deixei Bete e corri em sua direção, mas ele caiu na água com grande estrondo. Imediatamente, me preparei para tentar salvá-lo, mas quando olhei havia centenas de pequenos peixes prateados ao seu redor – piranhas! O barulho de seu tombo na água alertara os pequenos monstros. Uma mão avidamente procurando apoio e se ergue da água e então não o vi mais.

Voltei-me para Bete e Rondon, sentindo-me mal. Rondon estava caído no chão e o sangue ensopava sua camisa. Bete veio também e ambos tentamos ajudá-lo.

“Bete”, eu disse. “Chame seu pai pelo rádio e diga para ele trazer medicamentos depressa!”

Rondon sorriu; foi um sorriso triste e cansado. “Não se preocupe comigo, Estêvão. Acho que para mim acabou. Eu não queria matá-lo, mas parecia o único meio de salvar você e Bete. Infelizmente, eu deixei minha arma lá nos prédios e não havia tempo para voltar. Ele ia atirar mesmo”.

Bete falou entre lágrimas. “Ah, senhor Jaime. Por favor, diga que o senhor vai ficar bom”.

“Não, Bete. Eu sei que não tenho muito tempo mais. Eu sempre ficava pensando por que não me sentia disposto a casar e agora entendo o porquê. Vocês sabem que, quando se chega às portas da morte, desde que se pertença a Cristo, não há nada que temer. Ele está chamando-me agora. Eu sou um pobre pecador, mas ao pensar que Jesus me ama e vem me buscar para estar com Ele... é maravilhoso demais para tentar explicar agora!”

Eu estava chorando também. “Ah, Jaime. Nós vamos tratar de você, já, já. Nós vamos!... Nós vamos!...”

Com grande esforço, Jaime Rondon pegou nossas mãos enquanto nos ajoelhávamos ao seu lado. “Vocês dois podem fazer-me um favor?”

“Qualquer coisa”, eu disse.

“Coloquem meu nome em seu primeiro filho. E também diga ao chefe e a todos os grandes amigos em Esperança: ‘Até logo’, até nos encontrarmos no céu”. Ele se ergueu sobre um braço, sorriu e, em silêncio, fechou os olhos.

Nesse momento, eu vi Cruz chamando. Fiquei de pé e vi alguns do exército junto com ele, lá em baixo. Fiz sinal para que eles subissem e eles todos gritaram de alegria ao ver Bete. Cruz subiu, correndo. “Escute só, Estêvão, não perdemos nem um homem. Bete, você está bem?”

“Sim, nós perdemos um homem”, Eu solucei e cai de joelhos perto do corpo inerte de Jaime Rondon.

.oOo.

## O ATAQUE AÉREO

Não vou tentar relatar com detalhes o choque emocional que Cruz sofreu ao saber da morte de seu maior amigo. Deixamos Bete, Cruz e uma pequena guarda e fomos investigar o que restava do centro de invasão chinês. Todos os seus ocupantes tinham sido destruídos com a explosão da munição. Havia enormes buracos e restos fumegantes por todo lado. Restavam pedaços de prédios, alguns dos quais tinham caracteres orientais pintados em suas paredes. Tinha havido um planejamento cuidadoso na construção do local e, se não houvesse sido destruído, sem dúvida ali se teriam levado a termo as atividades de que o chinês tanto se gabara.

Após uma hora, mais ou menos, Cruz já estava em seu estado normal e sua mente eficiente estava novamente trabalhando pela sobrevivência da sua cidade.

Cruz chamou Martins e a mim. É possível que tamanha explosão possa ter atraído a atenção de algum avião distante, o que traria um interesse não desejado por nós para esta área”, disse ele. “Martins, por favor, leve 150 homens e comece imediatamente a cobrir a área da explosão, para que fique invisível do ar. Cuidado para não pegar árvores demais de um só local, a ponto de chamar a atenção”.

De repente, me lembrei da ameaça do jato. “O avião, senhor Cruz, o avião”, eu disse.

“Sim, Estêvão. Eu tinha esquecido. O que você me diz?”

“Aquele índio, ou melhor, o chinês, disse que o avião estava a caminho para bombardear Esperança. Temos que impedi-lo. Ele disse que viria hoje à noite”.

“É. Isto é típico de espiões”, disse Cruz. “Eles devem saber o local exato e podemos ter certeza que eles

obedecerão às ordens, especialmente se descobrirem que algo de errado aconteceu aqui”.

Suas botas faziam grande barulho à medida que ele andava de lá para cá. “Não temos avião para combatê-los e nem armas antiaéreas”, ele disse para si mesmo. “Mas tem que haver um jeito. Com certeza, Deus vai nos mostrar o caminho”. Ele virou-se para o grupo que o observava. “Vocês quatro, tragam o corpo de Jaime Rondon”. Então fechou bem os olhos para segurar as lágrimas que iriam cair. “Estevão, ajude a Bete descer o barranco e vamos voltar depressa para o Relâmpago Negro; os outros virão tão rápido quanto os barcos permitirem. Temos que pensar e planejar”.

Uma multidão em silêncio nos esperava quando chegamos a Esperança. O rádio já tinha dado notícias de nossa perda, como também de nossa vitória. Jaime era mui querido e a euforia da vitória tinha sido embaçada por sua morte. Muitas mãos se dispuseram a carregá-lo ao lugar onde seria preparado para o sepultamento.

Cruz me chamou ao seu escritório. Até agora, nenhum alarme geral tinha sido dado em relação ao esperado ataque aéreo e eu me perguntei o que este homem admirável estava planejando para enfrentar esta terrível situação.

“Estêvão”, disse Cruz, virando sua cadeira para ficar de frente à minha. “Tenho certeza de que você tem estado orando como eu em favor de uma solução para esta crise. Creio que tenho uma resposta. Na verdade, a única resposta”.

“O que é?”

Cruz se voltou para um possante aparelho de ondas curtas. “Aqui está a única esperança, Estêvão. Eu queria que você testemunhasse minha tentativa de impedir o inimigo”.

Ligou alguns botões e girou a sintonia. “Várias vezes já ouvi relatórios militares do quartel central em Manaus. Vou entrar no ar e passar um relatório à Força Aérea e torcer para que suspeitem. Vou entrar na sua frequência agora”. O transmissor emitiu um emaranhado de som estático e então a voz forte de Cruz entrou no ar: “DV-DV

– Chamando CXR-FAB – Urgência, Urgência – Um jato estrangeiro – Vetor 132 por 354 – Possivelmente meia noite”.

Imediatamente ouviu-se uma série de perguntas que Cruz ignorou. A seguir, ele criou muitas ondas estáticas manipulando os botões, repetiu a mensagem e então desligou o aparelho.

“Eles me ouviram claramente”, disse Cruz, “e eu creio que não será uma noite agradável para o avião comunista”.

À noitinha, evacuamos Esperança. Alguns pegaram suas bicicletas e foram até os limites das estradas de asfalto. As luzes de suas bicicletas brilhavam como uma fila de vaga-lumes. Outros pegaram barcos e entraram em rios escondidos. Depois que Cruz os viu a todos a caminho ele e eu pegamos nossas bicicletas e saímos da cidade em direção a um posto avançado que ele usava para reflexão e oração. Subimos pelo morro mais alto na região e finalmente chegamos a uma grande árvore adaptada para ser um esconderijo, como o que ele tinha na cidade velha. Deixamos as bicicletas e um pequeno elevador elétrico nos levou até um escritório bem ajeitado.

“Sinta-se à vontade, Estêvão”, disse Cruz, “teremos uma espera de uma ou duas horas. Enquanto isso, podemos orar e conversar.”

Passamos algum tempo pedindo a Deus que poupasse a pequena cidade. Depois, falamos dos problemas à nossa frente. “Nós não vamos poder nos esconder para sempre, Estêvão”, disse Cruz. “Mas, enquanto que a lepra é uma doença cada dia mais recuperável, muitas vezes é difícil para ex-leprosos se integrarem na sociedade e é por isso que eu me sinto justificado em ter um lugar para eles. Muitos já creram em Cristo como seu Salvador e esperamos poder alcançar estes índios com quem estamos trabalhando. De certa forma, o serviço de Deus tem sido feito”.

Assim conversamos e os minutos se passaram até chegar à meia noite. Olhei por sobre aquele mar verde de floresta e minhas unhas machucavam as palmas das

mãos. Os olhos verdes de Cruz brilhavam, enquanto ele também esperava em silêncio. Era uma noite bem escura, com apenas a luz de algumas estrelas. À distância, uma tempestade vinha em nossa direção e o relâmpago fazia “flashes” de luz que clareavam momentaneamente os céus. Um vento agourento soprava sinistramente pela folhagem ao nosso redor.

Uma sensação terrível de dúvida começou a me assaltar. E se Cruz se tivesse enganado e a Força Aérea tivesse ignorado a mensagem?

“Alguma coisa está errada, Estêvão”. Cruz olhou para seu relógio. “Já é meia noite e dez minutos e nem sinal do... Espere! Lá está ele!”

Com dificuldade, eu segui a direção que ele apontava e vi a chama azul do jato que passava por uma rota condizente com nossa posição, embora distante.

“Parece que a Força Aérea não os alcançou”, eu disse.

“Não! Olhe lá, Estêvão!”. O jato ainda estava longe, mas vi também o que Cruz tinha visto primeiro. Quatro pequenos pontos amarelos, descendo em direção ao jato inimigo. Sem dúvida alguma, eram caças. Olhamos por alguns segundos e, de repente, uma bola laranja-avermelhada iluminou o céu e, em seguida, caiu em direção à terra. Os caças, vitoriosos, deram mais umas voltas na região e então, satisfeitos, retornaram para Manaus.

Cruz deu um pulo de alegria e rapidamente ligou seu aparelho de comunicação. “Anuncio especial para todos. Voltem para casa imediatamente. O inimigo foi derrotado e estamos livres. Vamos nos reunir para um tempo de ação de graças ao nosso Pai Celestial. Também não vamos esquecer do sacrifício de nosso amigo Jaime Rondon, sem o qual todos nós estaríamos mortos”.

Cruz desligou o aparelho e curvou sua cabeça. “Oh, Jaime, quem dera você pudesse estar aqui para ver a vitória final que Deus nos deu com Sua ajuda”.

Descemos da árvore e voltamos para a cidade para contar a todos o que tínhamos visto.

.oOo.

**23**

## **JUNTOS, RUMO A SÃO PAULO**

As semanas seguintes se passaram em meio a grande alegria. Não havia nuvem alguma para escurecer nossa felicidade.

Durante alguns dias ficamos imaginando se a proximidade dos destroços do avião não nos causaria problemas, mas Cruz colocou homens a postos e a expedição que veio recolher os destroços nem chegou perto de nós. Seguimos os noticiários da rádio com interesse e notamos que um forte protesto fora mandado à China, com ameaças ao rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e aquele país. Estava claro que o jato carregava provas suficientes de sua origem.

Ouvimos que a China iria suspender seus projetos no estrangeiro, por tempo indeterminado, e concluímos que a área do Amazonas também era um destes projetos.

O que eles imaginaram a respeito da perda da Baleia Verde e de seus agentes creio que nunca saberemos.

Tive a esperada oportunidade de fazer uma conferência com estudo das Escrituras e, assim, durante alguns dias, estudamos as grandes verdades da Palavra de Deus com o povo e todos fomos abençoados ao descobirmos que a Palavra de Deus é para o dia de hoje.

Foi um grande encorajamento para aquele povo ver o que a Bíblia promete – uma época em que não haverá mais guerra, sofrimento e pecado, por intermédio do Senhor Jesus Cristo. Eu acredito que os problemas pelos quais tínhamos passado naqueles dias tinham aumentado nosso anseio por aquela época. No final daquela série de reuniões eram poucos os que não

tinham crido em Cristo e confiado nEle como Salvador, num ato voluntário. Eu estava bastante satisfeito, pois aquela viagem para a cidade perdida não tinha sido inútil.

Eu tinha apenas mais dois dias antes de ter que voltar para São Paulo e para a escola. Bete e eu passávamos bastante tempos juntos.

Encontramo-nos certa noite no restaurante à beira do lago. A luz brilhava serenamente, enquanto comíamos e conversávamos sobre vários assuntos. Mas a incerteza do futuro pesava sobre nossos ombros.

Bete tocou minha mão. “Estêvão, tenho um grande problema”.

Ouvi-a atentamente, encorajando-a a falar.

“Você se lembra o que eu lhe disse antes a respeito de meu pai? Agora eu mudei de ideia. Eu fiz a minha escolha naquele dia... naquele dia terrível... quando...” e ela não pôde falar mais.

Eu fiquei engasgado a lembrar-me daquela ocasião maravilhosa e, ao mesmo tempo terrível, e do sacrifício de Rondon.

“Eu quero estar com você, Estêvão, para compartilhar sua vida. Mas agora não sei como falar com meu pai. Ele vai sentir tanto se eu sair daqui e eu, simplesmente, não tenho coragem de pedir para ele. O que faço, Estêvão?”

Nem tive tempo de pensar numa resposta, pois imediatamente vi Cruz entrando no restaurante e vindo em nossa direção. A maioria das pessoas tinham ido para casa e havia poucos na varanda conosco. Cruz pegou uma cadeira e assentou-se à mesa.

Imediatamente, um garçon veio atendê-lo.

“Somente uma xícara de café hoje, Carlos. Tenho um assunto sério para conversar”. Ele se voltou para nós. “Bete, estive conversando com sua mãe e resolvemos o que você precisa fazer”.

Então eu disse: “Senhor Cruz, quero pedir-lhe sua permissão oficialmente para que Bete seja minha esposa”.

Cruz sorriu e virou-se para sua filha. “É isto que você quer, Bete?”

“Ah, sim, papai”, ela respondeu. “Mas... eu....”

Cruz deu uma gargalhada. “Eu a conheço, Bete. Você está preocupada conosco aqui, não é? Não podemos esperar que Estêvão, que foi chamado para pregar o Evangelho, esteja sempre aqui conosco. Mas, ao mesmo tempo, não podemos exigir que você fique aqui também. Queremos que vá aonde Estêvão for, com nossa bênção. E agora, quero dizer-lhe que seria bom você voltar a São Paulo e frequentar uma Escola Bíblica lá”.

Bete levantou-se rapidamente e abraçou seu pai. “Oh, obrigada, papai. Era isto exatamente o que eu queria”. Ela parou e, em seguida, disse: “Mas e o casamento?”

“Cuidaremos disto quando chegar a hora, Bete. Se o casamento for lá, sua mãe e eu iremos e, se for aqui, é claro que não haverá dificuldade”.

“Como posso agradecer-lhe, senhor Cruz?”, disse eu.

“Não há necessidade alguma, meu filho”, disse ele, sorrindo. “Deus trouxe você até nós e nós vamos retribuir. Você sabe que isto é o que eu sempre quis. Eu sonho com a ideia de que você possa sentir em seu coração a direção de Deus para voltar aqui e sinto que você estará bastante conosco. Mas vamos aguardar a vontade de Deus. A mãe de Bete acompanhará vocês, pois ela sempre quis ir a São Paulo. Martins irá também para comprar equipamento. Espero que tenham uma viagem agradável”

“Parece ótimo”, eu disse. “Meus pais e amigos receberão Bete com muita alegria”.

“Tenho certeza que sim! Nossas orações e pensamentos estarão com vocês”.

Os barcos que nos esperavam boiavam sobre as águas do lago, enquanto que toda a população de Esperança aguardava silenciosamente em um grande círculo às margens do lago. Bandeiras balançavam ao vento. Bete e eu estávamos de pé diante dos pilares de estilo grego, o lado do túmulo de Jaime Rondon. Enquanto Bete colocava um grande buquê de orquídeas

no túmulo, eu pensava no grande sacrifício que este homem fizera. Possivelmente Rondon não seria conhecido mundialmente, mas  possível que, por causa de sua coragem, tenha salvo o Brasil. E eu sabia que um dia me encontraria com ele.

Bete deu um passo para trs e a guarda de honra fez continência, colocou-se em posição de atirar e, em seguida, 21 tiros ecoaram pelos ares. Enquanto a fumaça se desvanecia, duas garotas chegaram até nós e colocaram colares de orquídeas em nossos pescoços e a banda tocou uma música de despedida ao entrarmos no barco.

Os motores possantes começaram a nos afastar da margem e eu procurei Cruz. Finalmente o vi; ele estava sozinho l em cima do barranco, o homem mais incrível que eu tivera o prazer de conhecer.

“Adeus, meus filhos”. Sua voz ressoou pelas águas calmas.

Acenamos, acenamos, até que a distância ofuscou a imagem do homem alto e solitário e, finalmente, a apagou completamente.

**.oOo.**